

AMANDA GASAGRANDE



OS VOLUNTÁRIOS DA REDE “RES”:
ENTRE A SOLIDARIEDADE E A RELIGIÃO

Amanda Cordeiro Casagrande

OS VOLUNTÁRIOS DA REDE “RES”:
ENTRE A SOLIDARIEDADE E A RELIGIÃO

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado na Escola de Serviço Social, da Universidade Federal do Rio de Janeiro sob a orientação do Professor doutor José Pedro Simões Neto.

Rio de Janeiro
2007/1

*Ao autor da minha vida, a quem tudo devo.
A Ele a Honra, a Glória e o Louvor!
Muito obrigada Senhor!*

A má qualidade geral de vida e a crescente violência em todos os níveis derivam, em grande parte, de uma vasta crise de valores atingindo os fundamentos da ética. Os mapas conhecidos não orientam mais e a bússola perdeu seu Norte... Duas fontes da moral orientaram as sociedades até hoje: as religiões e a razão. As religiões continuam sendo os nichos de valor privilegiados para a maioria da humanidade.

Leonardo Boff.

"Nós Estamos Aqui Todas As Noites"

*Morador de rua do centro do Rio de Janeiro em,
06/10/06.*

RESUMO:

No Brasil, 22,6% dos adultos doam alguma parte do seu tempo para instituições de "ajuda" ou pessoa física fora do seu círculo social mais próximo. O fato de se ter ou não religião aparece como estatisticamente relevante quanto à inclinação para as pessoas praticarem ou não trabalho voluntário. A religião carrega justificativas para a assistência social e para este tipo de trabalho. As justificativas perpassam o terreno da caridade e da conquista da salvação. Mas se a religião tem sido um importante fundamento para ação voluntária, com o crescimento dessa ação no Brasil, assiste-se a uma laicização da lógica religiosa.

Mesmo entre as pessoas religiosas, não se pode afirmar que sua motivação para o trabalho voluntário esteja gravitando apenas em torno da religião. Isto porque existem pessoas religiosas, que no trabalho voluntário estão mais próximas de motivações não religiosas, assim como, o contrário é possível. Isto mostra que não existe uma dicotomia entre "*religioso-voluntário*" X "*não religioso-não voluntário*". Então a partir das motivações, buscou-se compreender como os voluntários se localizam no espectro entre o totalmente religioso e o não religioso e qual a sua importância deste fator para o trabalho voluntário.

A metodologia desta análise inclui, além de pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo e exame do material produzido. A pesquisa de campo foi feita por meio de entrevistas semi-estruturadas, que buscaram privilegiar a construção da narrativa sobre a motivação individual do voluntário. Estes se sentem motivados por aspectos que vão, desde questões religiosas até ocupação de tempo ocioso.

As consequências das distintas vinculações dos voluntários decorrem das diferentes motivações para inserções no trabalho. Essas diferenças mostram que, os voluntários têm concepções do seu trabalho que se resumem em três principais idéias. A idéia que luta por causas sociais, a idéia de satisfação, e a idéia que atrela o trabalho voluntário estritamente a valores religiosos. No entanto, não se pode afirmar que estas idéias estão em compartimentos estanques hermeticamente separadas.

O que se observa, pelo contrário, é que encontra-se pessoas que embora religiosas, estão mais motivadas pelo sentimento de solidariedade social que se aproxima da luta pelas causas sociais do que pela religião. Há ainda aquelas que embora se declarem não religiosas, tem o discurso atravessado por nuances de religiosidade. E há as que justificam sua motivação na religião e se utilizam do “RES” para materializarem suas crenças.

Para os voluntários da rede “RES” a caridade, fundamentada na religiosidade, explica tanto a motivação para o trabalho voluntário, quanto as diferentes formas de inserção nesse trabalho. O que se conclui com a pesquisa é que a religião continua sendo elemento importante para o impulso motivacional do trabalho voluntário, embora não decisivo, e embora não necessariamente a religião do ponto de vista institucional mas das idéias e valores religiosos.

SUMÁRIO:

Introdução.....	.07
CAPITULO I	
A solidariedade civil e as ONG's.....	11
Os anos 90 e a explosão da ONG's.....	13
Dádiva Cedida a Estranhos.....	20
CAPITULO II:	
Religião e ação voluntária.....	25
Fundamentos Religiosos Para o Trabalho Voluntário.....	28
Religião X Religiosidade.....	37
CAPITULO III:	
Metodologia, Rede “RES” e Análise das Entrevistas.....	39
Trabalho Voluntário: Egoísmo ou Altruísmo?.....	42
Quem São Os Que Trabalham Voluntariamente Na Rede “RES”?.....	44
Variável idade e trabalho voluntário nos “RES”.....	44
Variável gênero e trabalho voluntário nos “RES”.....	47
Variável escolaridade e trabalho voluntário nos “RES”.....	49
Variável ocupação e trabalho voluntário nos “RES”.....	50
Variável religião e trabalho voluntário nos “RES”.....	51
Analizado as Entrevistas, a Importância do Fator Religião.....	52
A idéia de que se luta por causas sociais.....	52
A idéia de satisfação.....	53
Trabalho voluntário atrelado a valores religiosos.....	55
Outros Fatores para motivação dos voluntários do “RES”.....	60
Considerações finais/ Conclusão.....	64
Referências Bibliográficas.....	65
Anexos.....	68

INTRODUÇÃO:

A religião é importante fator motivador para o trabalho voluntário? No contexto das décadas de 1980 e 1990, houve na sociedade brasileira um movimento solidário, que não necessariamente englobou as questões religiosas. Este se relacionava com movimentos da sociedade civil como a Ação da Cidadania Contra a Miséria e Pela Vida de “Betinho”.

Por outro lado, a religião carrega justificativas para a assistência social e para o trabalho voluntário. Estas perpassam o terreno da caridade e da conquista da salvação. É como se a ação voluntária pudesse resolver o problema da ratificação da salvação. Assim, para que a consciência fique totalmente segura, se procura obter o mérito da salvação por meio das obras de caridade.

Se a religião tem sido um importante fundamento para ação voluntária, com o crescimento desta ação no Brasil, assiste-se a uma laicização da lógica religiosa. Por exemplo, em entrevista ao jornal **Folha de São Paulo** de 1º de abril de 2000, Cândido Grzybowski, sociólogo do IBASE - Instituto Brasileiro de Análises Econômicas- quando perguntado se o **Voluntariado seria uma espécie contemporânea de assistencialismo** enfatiza a questão da solidariedade (e não da religião). Segundo o pesquisador, ela se difere do assistencialismo, já que este último seria fruto da consciência culpada, enquanto a solidariedade um imperativo ético que estabelece, uma relação de direitos, e não de favor como no caso do assistencialismo.

Pode-se ainda citar as respostas de Ruth Cardoso - antropóloga e Presidente do Conselho da Comunidade Solidária - na mesma entrevista do jornal **Folha de São Paulo**. Para ela, a ação voluntária está inscrita em um contexto distinto das ações assistencialistas tradicionais. O Terceiro Setor seria, assim, uma forma de todos participarem nas soluções dos problemas comunitários. Ressalta ainda que existe na contemporaneidade uma maior consciência da importância da participação da sociedade, e que isso gera um maior grau de compromisso com os resultados.

Será que se pode identificar nestas falas o resgate de uma essência religiosa presente no discurso laico? Afinal, nele está transfigurado uma justificativa que prevê a centralidade do homem na prática do bem ao semelhante e a responsabilidade individual para o bem comum.

É marcante a presença do trabalho voluntário no Brasil. A pesquisa de Leilah Landim feita no ano de 1993, utilizando as fontes da Receita Ferial, assinala que já naquele ano havia, em nosso país, cerca de 220.000 organizações privadas sem fins lucrativos. No país, 22,6% dos adultos doam alguma parte do seu tempo para instituições de "ajuda" ou pessoa física fora do seu círculo social mais próximo. Isto corresponde à cerca de 19.748.388 pessoas, ainda segundo a mesma pesquisa.

O fato de se ter ou não ter religião aparece como estatisticamente relevante quanto à inclinação para as pessoas praticarem ou não trabalho voluntário, ao local / áreas de atividades onde este é realizado, e à quantidade de tempo disponibilizado. Conforme é possível observar na tabela a seguir (Landim e Scalon 2000).

**TEMPO DE TRABALHO VOLUNTÁRIO,
SEGUNDO ÁREAS DE ATIVIDADES.**

ÁREAS DE ATIVIDADES	TRABALHO VOLUNTÁRIO % EM HORAS
Instituições Religiosas	58,7
Assistência Social	16,7
Educação	8,9
Desenvolvimento e defesa de direitos	7,9
Saúde	6,5
Associações profissionais	0,4
Outras	0,9
Total	100

Fonte: Pesquisa ISER, 1998. Citado por LANDIM e SCALON (2000:54)

A tabela evidencia que a maior parte do tempo de trabalho voluntário no Brasil é dedicado em instituições religiosas. Além disso, no trabalho das pesquisadoras, a intensidade da adesão religiosa foi a única característica que se mostrou distintiva, ao se considerar o perfil dos que praticam trabalho voluntário em instituições. Assim reafirma-se que, quanto maior a intensidade da adesão religiosa, maior tempo é dedicado ao trabalho voluntário. A tabela a seguir mostra a quantidade de trabalho voluntário realizado por classe de associação.

NÚMERO E PERCENTUAL DE ASSOCIAÇÕES POR CLASSE:

CLASSEN DE ASSOCIAÇÃO	BRASIL NÚMERO	PORCENTAGEM (%)
Beneficentes/Religiosas/Assistência.	55369	29.13%
Culturais/Científicas/Educação.	35492	18.67%
Esportivas/ Recreativas	44282	23.30%
Ass./Sind. Fed.de Empregados	5540	2.91%
Ass./Sind. Fed. de Empregadores	8483	4.46%
Autônomos/ prof. Liberais	3566	1.88%
Outras	37354	19.65%
TOTAL	190086	100%

FONTE: Secretaria de Receita Federal, citada por: Landim (1993).

Na tabela acima é possível observar questões importantes. Uma delas permite perceber que cerca de 70% do trabalho voluntário realizado no país está fora de um contexto estritamente religioso, o que expressa uma predominância laica neste tipo de ação. O que se interroga nesta pesquisa é se o trabalho voluntário realizado em instituições laicas tem relação com uma possível religiosidade do agente, visto que a grande maioria da população brasileira se considera religiosa. A hipótese aqui defendida é a de que a motivação para o trabalho voluntário em instituições laicas não se difere daquele cuja ação é realizada em instituições religiosas no sentido estrito. Caso seja possível verificar esta hipótese, não haveria diferenças motivacionais entre os tipos de agentes.

Parte-se do suposto que podem existir três tipos de ações voluntárias: Primeiro as ações religiosamente motivadas em âmbitos não religiosos; Segundo as ações voluntárias não motivadas religiosamente -por agentes não religiosos- em instituições não religiosas. Terceiro, que haja a combinação entre religião e trabalho voluntário.

Assim o primeiro capítulo abordará o crescimento das ONG's nos anos de 1990, a emergência de um tipo de solidariedade social desvinculada da religião e de seus significados. O segundo capítulo, tratará da justificativa da religião para o trabalho voluntário. O terceiro, analisará particularmente a ação voluntária em uma instituição não religiosa para saber se a motivação de seus agentes era religiosa ou não e terminamos com as conclusões.

Capítulo I.

A SOLIDARIEDADE CIVIL E AS ONG'S

Este capítulo aborda, o contexto de crescimento de um tipo de solidariedade que motiva as ações sociais no Brasil nas décadas de 1980 e 1990. Neste período houve na sociedade brasileira, um movimento social atrelado ao crescimento das ONG's, que pregava ação voluntária, não necessariamente vinculada aos valores e concepções religiosas.

No decorrer dos anos de 1980, para Gohn (1997), as alterações nas políticas públicas e o desgaste das práticas participativas, aliados ao crescimento do associativismo institucional e ao aparecimento das ONG's¹, engendraram na perda de capacidade de mobilização da sociedade presente nos anos 1970.

Ainda no início dos anos de 1980, novos tipos de movimentos foram ganhando espaço no cenário da sociedade brasileira.

A dicotomia público e privado, a questão da cidadania, a cultura política presente nos espaços associativos, a importância das experiências cotidianas etc., ganham destaque em lugar das macro explicativas anteriores [...] A categoria da autonomia, tão importante nos anos 70, passou a ser um cenário tanto problemática, pois a partir de 1982, com as mudanças no cenário político, os movimentos foram convidados a participar de mesas, câmaras e conselhos de negociações [...] com a ascensão de líderes da oposição, de vários matizes, a cargos no parlamento e na administração de postos governamentais, levou progressivamente ao desaparecimento a questão da autonomia dos discursos dos movimentos e das análises dos pesquisadores. (Gohn 1997:189)

¹ Na década de 1990 as Ong's se impuseram como quase substitutas dos movimentos sociais e se tornaram entidades quase absorvedoras destes movimentos. Gohn escreve "o aparecimento de entidades aglutinadoras dos movimentos sociais populares, especialmente no setor da moradia; e, fundamentalmente, o surgimento e crescimento, ou expansão, da forma que viria a ser quase uma substituta dos movimentos sociais dos anos 90: as ONG's. Acrescente-se ainda a este cenário a decepção da sociedade civil com a política, tanto com a praticada pelas elites dirigentes como aquela praticada pelos partidos políticos, que progressivamente foram perdendo a capacidade de articular as demandas das camadas populares e médias" (Gohn 1997:285 e286).

No contexto da perda de densidade ideológica dos movimentos sociais, as ações se retraem a níveis micro e as ONG's passam a pensar como “*gente grande*”, para utilizar uma terminologia de Fernandes.²

As ações cívicas religiosas, bem como as não religiosas, se colocam como interlocutoras do Estado. Estas relações engendram uma maior democratização da sociedade, e múltiplos atores ganham voz no embate político. Paralelo ao surgimento desses novos atores sociais (mulher, jovens, negros, índios, etc.) está a crise dos paradigmas esquerdistas que propiciou a redefinição dos sujeitos históricos clássicos (classes populares, por exemplo), por um coletivo heterogêneo, com aspirações de difusas.³

A extinção das ditaduras, por exemplo, abriu espaço para convocação de assembléias nas quais houve a presença de múltiplos grupos de sujeitos sociais. Fernandes (1994) é claro quando afirma que a multiplicação de atores coletivos nos faz refletir que a realidade social é composta de múltiplos pontos de vista.

As disputas engendradas pelos movimentos sociais introduziram uma dinâmica paradoxal. Por um lado, cada um deles pleiteava a igualdade de direitos [...] por outro lado, a afirmação de uma identidade contrastiva acarreta o reconhecimento de uma experiência singular, radicalmente distinta, cujas referências podem, segundo o caso, prolongar-se ao longo das histórias e das culturas [...] A elaboração destas diferenças levou diversos movimentos sociais a se confrontarem com valores herdados de outros tempos, cujo sentido não é apreensível no formalismo abstrato e genérico das leis [...] continuavam modernos, mas com um certo viés romântico, em que cabia inclusive a recuperação idealizadora de antigas tradições, transfiguradas nas marcas de uma identidade coletiva. (Fernandes 1994:49-50)

Embora fossem muitos, os movimento sociais mantinham entre eles uma identidade, que lhes permitia comunicação equilibradamente homogênea. A

² Em seu livro intitulado "*Privado Porém Público*", Ruben César Fernandes, afirma que as Ong's são treinadas para pensar de maneira estratégica, em como atender as demandas sociais não satisfeitas pelo mercado e Estado, embora coincida em muitos aspectos com este. "Apesar de pequenos tendem a pensar como se fossem grandes" (Fernandes 1994:66). Pois internalizam a pergunta sobre o significado das políticas de cada projeto, por mais localizados que estes sejam.

³ Em relação aos interesses coletivos, os grupos que normalmente tem aspirações de diferentes naturezas, identificam interesses que são de direitos fundamentais e portanto comuns a todos.

abertura democrática estimulou formas variadas de associativismo. As associações voluntárias são um exemplo disso, pois que não estão determinadas por um pertencimento local, mas sim por um propósito comum.

Os Anos 90 e o Crescimento das ONG's:

O surgimento de organizações sem fins lucrativos é um fenômeno recente no país. No Brasil, as chamadas ONG's ganham visibilidade a partir da segunda metade da década de 1970, ou início da década de 1980, como sugere Fernandes (1994).

Segundo o autor, as ONG's se tornaram um fenômeno massivo no continente, particularmente após 1975.

ONG'S por país da América Latina

(Segundo registros de 32 diretórios)

PAÍS	ONG's	OUTRAS	PAÍS	ONG's	OUTRAS
Argentina	116	-	Jamaica	23	-
Chile	345	10	Panamá	39	-
Rep. Dominicana	149	-	Santa Lúcia	17	-
El Salvador	68	2	Uruguai	127	-
Honduras	250	-	Brasil	1.010	-
Nicarágua	20	-	Costa Rica	73	-
Peru	401	-	Equador	30	-
Trinidad	36	292	Haiti	74	-
Bolívia	365	20	México	212	608
Colômbia	594	4842	Paraguai	70	-
Leste do Caribe	55	-	St. Vicenti	26	-
Guatemala	194	81	Outros Países	33	-
Total de ONG's: 4327. Total de outras organizações: 5860					

FONTE: Coleção de Diretórios. Citado por: Fernandes, 1994.

A tabela acima demonstra que, no Brasil o número de ONG's é bem superior ao dos demais países comparados. No contexto dos anos a que se referem os dados da tabela⁴, as ONG's mantinham um distanciamento do Estado

⁴ A tabela refere-se a década de 1970.

e das empresas privadas. Eram dependentes de doações voluntárias, e havia uma tendência compensatória das questões "esquecidas" pelo Estado ou pelo mercado.

A partir dos anos de 1990, aprofundou-se um agregado de fatores que mudaram o cenário político-econômico do país, com ele mudaram também as formas de cooperação não governamental. Problemáticas como violência, exclusão social e novas práticas civis entram na agenda de discussão e no interesse acadêmico, enquanto a temática dos movimentos sociais é posta de lado. É nesta conjuntura que as ONG's ganham centralidade em muitos estudos, ao lado dos mecanismos institucionais da democracia.

As categorias base dessas apreciações serão a exclusão social e a cidadania coletiva, que é uma categoria nova que faz emergir novas "necessidades", e não mais apenas o imperativo de bens públicos elementares de infra-estrutura.

Com relação à cidadania coletiva, a novidade é que a participação social deve ser qualificada, já que agora ela se insere numa realidade juridicamente legitimada (pós-constituição de 1988). A partir da década de 1990, as tradicionais formas de mobilização social (passeatas reivindicatórias de direitos, por exemplo) caem em desuso em conformidade com a juridicização das relações sociais. A formalização de direitos que a década de 1990 alcançou, deslocou para o campo jurídico as tradicionais formas de lutas sociais. A partir desta década, não mais se reivindica direitos nas ruas e praças das cidades, mas a efetivação dos direitos adquiridos nos tribunais regionais correspondentes.

Já as análises da exclusão social, decorrem das condições sócio-econômicas causadoras de violência generalizada, surgimento de poderes paralelos, descredibilização da autoridade estatal etc.

Ao mesmo tempo, há uma ineficácia nos serviços públicos, que operam o reforço dos laços de ajuda e de iniciativa própria. Assim enfatiza-se o mercado informal de trabalho, como resultado das novas políticas sociais, segundo Gohn (1997). Tudo isto estimulado pela mídia em geral, sob a égide de um empreendedorismo "natural" dos pobres.

O setor informal não é mais percebido como manifestação da pobreza urbana ou do atraso econômico [...] O setor informal é hoje considerado uma fonte de riqueza, um potencial inexploreado de empregos e rendas, mesmo que o aumento considerável de famílias condenadas a reduzir suas expectativas a meras estratégias de sobrevivência seja, provavelmente uma das principais causas do crescimento da economia informal [...] o informal é tomado como plataforma para a retomada do crescimento econômico [...] como estratégia de desenvolvimento das capacidades humanas [...] As políticas para o setor informal tentam remediar a perda de legitimidade do Estado [...] [de modo que] situações informais de trabalho, não sejam mais percebidas como excludentes e negadoras de direito de cidadania [...]. A economia informal, ao ganhar proeminência sobre a economia formal, transfigura o que antes era tido como alternativo, e usualmente descartado, em algo bom preconizado como saudável e recomendável. As relações de trabalho deixam de ser o principal foco das lutas dos trabalhadores. A luta básica passa a ser pela manutenção de um emprego, qualquer que seja, e não mais pelas condições de trabalho dentro de uma categoria.

(Gohn 1997:296)

Nesta conjuntura, a busca pela equalização dos conflitos sociais não passa de mero paliativo. Os conflitos da sociedade moderna, já não se dão mais em torno da eliminação das diferenças, porque o que realmente é importante é o *status* de cidadania, expressa pela igualdade formal entre os cidadãos.

Aliado a isto está a perda de credibilidade do sistema estatal e, com ele, de seus operadores - a classe política - que cai em descrédito junto a população. Na gestão de recursos, a credibilidade das ONG's é privilegiada em detrimento das instituições públicas. A população tende a confiar mais na gestão dos recursos públicos feitos por aquelas associações, do que na das instituições oficiais. Isto se deve ao histórico de corrupção e desperdícios por meio de nepotismo, desvios, super faturamento e altos salários, entre outras práticas comuns, nas instituições governamentais brasileiras.

Nos anos 90, o padrão de desenvolvimento contribuiu para a legitimação da exclusão social. Esta passou a ser vista como uma nova forma de integração, "passa a ser uma exclusão integradora" (Gohn,1997).

O contraponto deste ordenamento é a construção do que Gohn chama de economia popular. Nesta, existe a possibilidade alternativa de desenvolvimento, com a condição de haver autonomia na reprodução material. É neste cenário que os sindicatos perdem força e espaço, já que a economia informal impõe condições de organização muito difíceis. Ganham importância as ONG's por meio de políticas de parcerias estruturadas com o poder público.

Da construção de uma nova categoria – a sociedade civil- emerge a visão ampliada da relação Estado-sociedade. Torna-se legítima a existência de um espaço ocupado por associações mediadoras das relações entre os indivíduos e as instituições governamentais.

Este espaço é trabalhado segundo princípios da ética e da solidariedade, enquanto valores motores de suas ações, resgatando as relações pessoais, diretas, e as estruturas comunitárias da sociedade [...] No Brasil, esse papel passou a ser desempenhado pelas ONG's que fazem mediação entre aqueles coletivos organizados e o sistema de poder governamental, como também entre grupos privados e instituições governamentais.

(Gohn 1997:300)

Ainda segundo a autora, as ONG's vão propiciar uma vinculação diferenciada. Deslocam a dimensão ideológica dos movimentos sociais para uma outra despolitizada e utilitarista. As ONG's desarticularam os valores do campo da ruptura social em privilégio de uma visão de garantia dos direitos adquiridos e não de luta por novos direitos.

Os novos programas sociais de parceria tem sido implantados como “serviços sociais”, ou seja, não como direitos mas como prestação de serviço, despolitizando totalmente os programas, desvinculando-os de qualquer conteúdo político, retrocedendo a problemática da cidadania de seus termos coletivos para antigos patamares da cidadania individual. (Gohn 1997:316)

Para Montaño (2005), com a diminuição das respostas do Estado às necessidades sociais, cresce o “terceiro setor” e com ele os laços de solidariedade voluntária entre os particulares criando-se espaços de participação social.

Criam-se também novos movimentos nacionais a partir de organizações plurais⁵ como a Ação da Cidadania Contra a Miséria e Pela Vida de “Betinho”. Ações como estas foram comuns nos anos 90 e se alicerçavam na solidariedade humana e não em projetos políticos ou partidários como pode ser observado, por exemplo, nos discursos de Herbert de Souza (o Betinho). “As diferenças ideológicas, partidárias e políticas não podem impedir que nos unamos para erradicar a indigência. Por isso, esse movimento é suprapartidário, supra-ideológico.” (Comitê Furnas e Ação da Cidadania 1998:18). São campanhas e não movimentos sociais e em geral apresentam caráter imediatista;

O que agente deve reconhecer é que quem tem fome tem pressa. Eu não vou chegar pra uma criança que esta passando fome e falar pra ela: Olha, daqui há três meses, nós acabamos de fazer um plano e vamos implantar aqui uma reforma estrutural, que vai lhe dar escola, alimentação e etc... Em três meses essa criança estará morta.

(Comitê Furnas e Ação da Cidadania 1998:18. trechos de discurso de Betinho)

Embora não neguem os problemas estruturais;

Ao longo do caminho, sempre foi nossa convicção de que fome se combate com comida e que miséria se erradica com democratização da terra e renda. Por isso, aplaudindo a determinação de combater a inflação, não deixamos de insistente exortar nossos parceiros do governo a não descurar o combate à inflação da miséria, fruto de uma ordem econômica concentradora de riquezas e perversamente excludente.

(Comitê Furnas e Ação da Cidadania 1998:31).

O discurso da solidariedade emerge, como sustenta Montaño, como um argumento central na defesa do “terceiro setor”. Seria o motivador de uma renovação cultural baseada em valores altruístas e de colaboração mútua que

⁵ Mauro Moreli, 1º Bispo da Igreja Católica em Duque de Caxias, em entrevista ao Comitê Furnas e Ação da Cidadania em 1998 afirma que: O pluralismo de agremiações políticas, de correntes ideológicas e de confissões religiosas a que pertencíamos, não criou entre nós barreiras insuperáveis ou intransponíveis. Sem dúvida, as diferenças permaneceram como desafios gigantescos; mas, por outro lado, revelaram-se fabuloso material de criatividade e de capacidade de multiplicar recursos e encontrar caminhos. A cidadania nos comprometia e a parceria nos unia em ações que resgatavam a dignidade humana de famintos e saciados. (Comitê Furnas e Ação da Cidadania 1998:30).

estimula a participação cidadã “*contra a dita homogeneização da resposta estatal*” (Montaño 2005:165).

Ainda, para o mesmo autor, o termo solidariedade pode querer indicar direitos ou obrigações. E os diferentes significados do termo, carregam também diferentes implicações neles mesmos. “*A solidariedade pensada como direito do eventual doador não constitui direito para o necessitado; mas ao ser entendida como obrigação para o doador constitui-se um direito do cidadão receber a solidariedade*” (Montaño 2005:166).

Para Montaño, a solidariedade enquanto direito (do doador) é uma opção. Remete a uma ação voluntária que requer valores individuais altruístas. Assim, quem requer a ação solidária deve apelar para boa vontade e aceitar o que é oferecido. Já a solidariedade como obrigação (também do doador) é uma atividade compulsória⁶ exigida por força de lei. Neste caso, a obrigatoriedade da ação se constitui num direito social do necessitado.

Aqui está a verdadeira questão. Não na falsa contraposição entre defensores e opositores da solidariedade, mas no confronto entre os defensores de uma solidariedade como direito do doador e a aleatoriedade da ajuda individual/organizacional, e os defensores de uma solidariedade como obrigação de todos os doadores e a assistência, articulada pelo Estado, como direito de todos os cidadãos.

(Montaño 2005:166)

Na conjuntura dos anos 90, há um forte apelo à solidariedade do primeiro tipo que, segundo ele, oculta a desresponsabilização do Estado com relação às seqüelas da Questão Social. Visto que ao se apelar para a solidariedade, se individualizam a responsabilidades ao mesmo tempo em que se despolitizam as ações. Neste sentido, discurso da solidariedade é usado com uma conotação apolítica e homogeneizadora da sociedade.

⁶ A solidariedade compulsória pode ser comparada a do Estado no exemplo da previdência social. Para Montaño, enquanto a atenção das necessidades por via das políticas sociais o welfare se pauta num princípio universalista no qual todos contribuem para financiar os serviços de assistência. Para ele, a saída desta lógica reforçaria a substituição paulatina, da solidariedade baseada em direitos universais, para formas particulares e voluntárias de solidariedade.

(Montaño 2005)

No entanto, embora as ONG's atendam apenas a um número limitado das demandas emergentes e que, corriqueiramente, dependam das vontades dos doadores, elas não deixam de ser uma alternativa para a diminuição das vulnerabilidades dos grupos sociais por elas assistidos. É neste sentido que o trabalho dessas organizações, é uma das formas legítimas e necessárias para conter o absoluto desrespeito aos Direitos Humanos e a Democracia comum nas sociedades contemporâneas.

O direito não é apenas aquilo que se adquire por força de norma, mas ao contrário uma concepção democrática de direito, deve incorporar também as particularidades que se engendram “geracionalmente” nas sociedades. Ao mesmo tempo deve também admitir um mínimo conteúdo axiológico. Visto que, direito que não se pauta por ética não pode, na atualidade, ser considerado como direito (Sarmento 2006). As ONG's dispõem, tanto da capacidade de adaptação às novas necessidades sociais, quanto aderem aos conteúdos valorativos necessários para manutenção da democracia, daí sua importância social.

A esfera das organizações sem fins lucrativos adquire força nova, na medida em que interage com os demais setores da sociedade civil. Paiva (2003) ao analisar a esfera religiosa, admitiu que ela ganha importância porque interage com outros setores da sociedade, propiciando uma integração e promoção dos direitos de cidadania quando tem por bandeira valores religiosos genuínos. Por isso, ao entender que as ONG's são capazes de absorver este conteúdo axiológico, conclui-se que elas também criam condições de integração nesses espaços democráticos, contudo não apenas a partir de valores religiosos, mas também dos valores da cidadania.

As ONG's também são fundamentais para propiciar um espaço de integração para aqueles segmentos da sociedade que se encontravam excluídos, uma vez que criam mecanismos de atenuação das diferenças e asseguram um grau mínimo de solidariedade quase inexistente na sociedade, contribuem assim para inclusão. As novas possibilidades de ação social, via ONG's, para esse processo de inclusão, são legítimas e necessárias para a consolidação da cidadania com o consequente melhoramento das condições de vida humana.

É neste contexto que é criada a rede "Rede Saúde da Criança" (RES) que serviu de base para nosso estudo de campo. Quanto as especificidades dela, abordaremos no capítulo III, por ora basta destacar que suas intervenções contam com o apoio tanto da iniciativa privada, como de setores públicos.

Uma das possíveis explicações para ação voluntária está na idéia da ajuda a estranhos desvinculada da religião, e é deste tipo de particular de ajuda que se abordará em seguida.

Dádiva Cedida a Estranhos:

Para esta parte do trabalho, foram de fundamental importância as considerações feitas por Godbout (1999) em seu trabalho intitulado “**O Espírito da Dádiva**” e Camurça (2005) em “**Seria a caridade a religião Civil dos Brasileiros?**”. Segundo Godbout, as religiões não são na atualidade muito importantes ao fenômeno da dádiva a estranhos em geral, isto porque elas intervêm sobre o caráter privado que se prefere esconder⁷. Os voluntários entrevistados, pelo autor, recusam o modelo da dádiva tradicional como um meio necessário para se chegar ao céu.

Essa mudança de entendimento do voluntariado, na modernidade, levou a uma postura basicamente utilitarista do trabalho voluntário. Se as formas de dádiva tradicionais já continham em si uma essência utilitária (de se chegar ao céu, por exemplo), na modernidade esta característica se exacerba. “Levando as

⁷ Por causa da suspeita do modelo newtoniano-cartesiano de ciência em relação a consideração de aspectos religiosos na investigação acadêmica, profissionais, professores, e pesquisadores [...] se envergonham de trazer, para o debate científico e para discussão aberta nos espaços de recursos humanos [...] os saberes da vivencia religiosa tão importantes em suas vidas particulares e , até mesmo, em suas práticas profissionais. Desta forma, as práticas religiosas têm estado presentes no trabalho [...] de forma pouco elaborada e crítica, uma vez que nele se infiltram de modo silencioso e não debatido. [...] o deslocamento da vida religiosa apenas para a vida privada na sociedade moderna, afastando-a do debate acadêmico e da crítica nos espaços institucionais das empresas e do Estado, pode estar tornando a vida religiosa num espaço onde a “polícia da razão” não mais penetra de forma ampla e incisiva, contribuindo para ampliar as possibilidades de ser habitada por neuroses e preconceitos. Esta pode ser uma razão importante para o impressionante crescimento das formas fundamentalistas de vida religiosa no final do século XX.

(Eduardo Mourão 2006:24-25)

pessoas a insistirem na importância do retorno nas múltiplas formas que ele assume". (Godbout 1999: 95). Isto permitiria ainda afirmar que, na atualidade a caridade existe independente da religião.

Para Camurça, a implantação de uma cultura moderna do voluntariado está mais preocupada com “*a eficiência dos serviços e a qualificação de voluntários e instituições*” (Camurça 2005:44). No entanto, essas novas preocupações não excluem as práticas tradicionais, mas apenas buscam “*uma nova visão do trabalho voluntário que não tem nada a ver com a caridade ou esmola, mas com cidadania participativa e eficiência de resultados.*” (Camurça 2005:44). Ainda existem algumas das características das tradicionais ações sociais, mas agora despidos do viés assistencialista e legitimados pela consciência da cidadania.

Camurça reconhece ainda que, a crise da modernidade engendrou uma revalorização da assistência social tradicional (atrelada a religião), e um reposicionamento do discurso intelectual, reconhecendo aos valores antigos a capacidade de, segundo o autor, engendar um *ethos* de solidariedade no país. Ele demonstra ainda que o jornalista Zuenir Ventura, em seu trabalho “*militantes da fraternidade*” justifica que “o assistencialismo numa situação limite como a nossa, pode ser um valor positivo”. (Camurça 2005:45). Esta posição do jornalista é acompanhada por coordenadores da rede “RES” que afirmam que, em um primeiro momento não há como não ser assistencialista embora as instituições busquem uma gradativa autonomização dos assistidos.

Desta maneira, quando a “caridade” foi guindada de assuntos de crença religiosa à modalidade de caráter cívico social, engendrando formas modernas de praticá-la como “voluntariado”, o deslocamento desta prática do domínio das relações pessoais, familiares, de vizinhança de das “obrigações” religiosas para o espaço público da regras, normas, contratos sociais, vem acompanhado da superação de sua condição pré moderna (com todo seu corolário: “assistencialismo”, “clientelismo”, “tradicionalismo”). Com isto, inaugura-se uma situação dicotômica entre um modelo anterior e um novo padrão que o renova, expresso nas oposições: moderno x tradicional, consciente x alienado, individualismo x hierarquia, formal x informal (Fernandes 1994:107). Assiste-se, então, a tentativas de colonização da caridade tradicional através de conceitos modernos, como “eficácia”, “auto sustentação”, “marketing social” gestados nas práticas desenvolvidas pela nova filantropia a partir de experiências de gestão empresarial e administração pública.
(Camurça 2005:47)

Na mesma linha argumentativa Camurça defende ainda que, embora a intervenção moderna tenha alterado o estilo, coexiste ainda a permanência da caridade tradicional e com ela suas características de dádiva e reciprocidade. Porque como analisa Godbout (1999), a dádiva e sua reciprocidade formam “*um sistema de relações sociais propriamente ditas na medida em que estas não são redutíveis à relações de interesse econômico ou de poder*” (1999:22). Ainda segundo o mesmo autor, na sociedade moderna muita coisa só existe dentro da lógica da reciprocidade. Em face disto é que Camurça defende que;

Em um nível considerável, há uma continuidade dos valores da caridade tradicional por dentro da moderna filantropia. Considero marcante a influencia das idéias e práticas da “caridade” na constituição de uma cultura e sociabilidade no Brasil, vide as tentativas por parte do projeto da sociedade moderna para o país de reaproveitá-la e / ou de submetê-la. O que se pode especular é que seu alcance é ainda maior que o suposto, na sua capacidade de articular e expressar um ethos e uma auto-imagem na qual os brasileiros se reconhecem e se compreendem.

(Camurça 2005:48)

Para Godbout, a sociedade moderna oculta a realidade da dádiva no que se configura o seu modelo de funcionamento. No entanto o autor admite, que a dádiva e suas relações de reciprocidade, já mencionadas, existem mesmo em meio a lógica moderna guiada pelo mercado.

No sistema da dádiva, segundo ele, as coisas valem não o seu próprio valor material, mas a relação que elas estabelecem entre os agentes. Assim no objeto da oferta encontramos a própria relação. Por esse motivo não se pode recusar uma oferta/presente, sob pena de que isso signifique que não se quer mais relação com o ofertante. Isto engendra, ainda segundo Godbout, uma reciprocidade obrigatória e com ela, as relações sociais. Nisto o autor enxerga a importância social que a dádiva assume como deflagradora de processos sociais.

Neste estudo defende-se que, esta dádiva não é pura e nem despida de valores, porém é aquela imersa em conteúdos valorativos de cunho religioso. Acredita-se nisto porque, Fernandes (1994) assume a posição de que a dádiva

engendradora de vínculos sociais, não é uma doação qualquer, mas que está impregnada de conteúdo religioso.

Pois é na doação, recebimento e retribuição de dons materiais e espirituais, movidos pela crenças que povoam o imaginário do nosso povo, que relações sociais são (re)afirmadas, e nessa reciprocidade que se estabelece entre os doadores e recebedores é que se define a identidade de ambos.

(Fernandes 1994:116, citado por Camurça 2005:50)

Para Fernandes (1994), no Brasil uma particular vinculação da caridade (o trabalho voluntário) com as religiões coloca Deus na posição de mediador que retribuirá aos doadores segundo seu trabalho.

No caso específico, da noção de “caridade” judaico-cristã que impregna as práticas de doação em nosso país, o seu alvo direto são os “pobres”, os fragilizados e os doentes elevados a um carisma especial daqueles que no mito cristão “herdarão o reino dos Céus”. Nesta relação (a princípio) assimétrica- entre doadores munidos de posses materiais e simbólicas e despossuídos ou sofredores, mas que por sua vocação messiânica, são portadores de dignidade, Deus é o grande mediador, que dará em troca todas as benesses a todo aquele que aceita o pacto divino.

(Fernandes 1994, citado por Camurça 2005:50)

Segundo Camurça, para o caso brasileiro, o sistema de doações/trabalho voluntário/dádiva/caridade insere-se em uma perspectiva tradicional, pois conserva uma capa religiosa e, na medida em que há reciprocidade, as relações de dádivas se tornam pessoalizadas. A reciprocidade se explica por uma transcendentalidade. Nesta, a doação não diferencia o doador do receptor, pois que aquele também está apenas retribuindo o que anteriormente recebeu. “*Desta forma dar é retribuir, e retribuir significa dar*”. (Godbout 1999:116)

O movimento solidário estudado acima sugere que não há, motivação religiosa para ação voluntária. Entretanto as pessoas continuam sendo religiosas e continuam fazendo trabalho voluntário. A religião continua sendo um fator importante para ação voluntária e é isso que será analisado no capítulo seguinte.

Capítulo II:

RELIGIÃO E AÇÃO VOLUNTÁRIA

Sabe-se que a consolidação do trabalho voluntário no Brasil se deu a partir do fim da ditadura militar, com a redemocratização do país. Já foi mencionado que a abertura democrática engendrou uma particular desmobilização nos modelos tradicionais dos movimentos sociais e abriu espaço para um novo tipo de representatividade social, da qual as ONG's são a maior expressão.

A dicotomia público e privado, a questão da cidadania, a cultura política presente nos espaços associativos, a importância das experiências cotidianas etc., ganham destaque em lugar das macro explicativas anteriores [...] A categoria da autonomia, tão importante nos anos 70, passou a ser um cenário tanto problemática, pois a partir de 1982, com as mudanças no cenário político, os movimentos forma convidados a participar de mesas, câmaras e conselhos de negociações [...] com a ascensão de líderes da oposição, de vários matizes, a cargos no parlamento e na administração de postos

governamentais, levou progressivamente ao desaparecimento a questão da autonomia dos discursos dos movimentos e das análises dos pesquisadores.
(Gohn 1997:189)

Vão ser nessas organizações não governamentais e nas instituições religiosas, que serão encontrados muitos dos voluntários, isto é, do voluntariado organizado, já que é praticamente impossível mensurar as ações voluntárias não institucionalizadas, do tipo cooperação entre vizinhos.

Segundo a pesquisa “*Doações e trabalho voluntário no Brasil*” o trabalho voluntário, é um fenômeno que se define por “*atividades que as pessoas fazem de graça [sem remuneração financeira] para ajudar instituições ou outras pessoas que não sejam parentes e amigos*” (Landim e Scalon 2000:52).

Existe uma relação entre uma religiosidade pretéria dos voluntários (no período de socialização dos mesmos) e suas motivações para este tipo de trabalho. Esta hipótese permite pensar que o trabalho voluntário seja, em última análise, motivado por uma socialização religiosa do agente praticante.

No entanto, mesmo entre as pessoas religiosas, não se pode afirmar que sua motivação esteja gravitando apenas em torno da religião. Visto que existem pessoas religiosas, que no trabalho voluntário estão mais próximas de motivações não religiosas assim como também o contrário é possível.

Isto mostra que não existe uma dicotomia entre “*religioso-voluntário*” X “*não religioso-não voluntário*”. Visto que existem pessoas não religiosas, mas que têm valores e idéias que também motivam a ação voluntária. Então a partir das motivações, busca-se compreender como os voluntários se localizam no espectro entre o totalmente religioso e o não religioso e qual a sua importância deste fator para o trabalho voluntário.

A despeito do crescimento de um tipo de solidariedade desvinculada da religião, a mesma pesquisa de Landim e Scalon supracitada, identificou que 37,7% dos que doam algum tempo de trabalho freqüentam cultos religiosos mais de uma vez por semana, ou seja, são os que têm uma maior intensidade de adesão religiosa. Dos que só o fazem algumas vezes por ano, 9,3 % fazem

trabalho voluntário e apenas 0,5% dos que trabalham voluntariamente declaram não participar de atividades religiosas. Isto mostra que é importante o fator religião para prática de ações assistenciais/voluntárias. Por isso, serão realizadas, a seguir, considerações a cerca dos fundamentos religiosos para o trabalho voluntário. Antes, porém, será explicada a associação existente entre assistência e voluntariado.

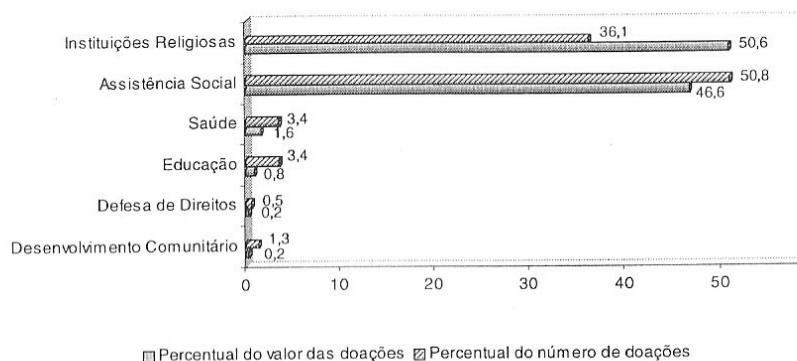
Esta relação existe por que parte das ações voluntárias se dão no campo da assistência. Este é um campo vasto, capaz de englobar inclusive a área da saúde, assistência social propriamente dita, educação etc. Embora a assistência também possa ser tratada como área própria, este trabalho adota a concepção de Landim e Scalom (2000), e admite a assistência como um campo amplo de ações que engloba a saúde, entre outras áreas, entendendo que a saúde também é um serviço assistencial.

As autoras referem-se à área da assistência social como um campo que; “*Compreende instituições autônomas dedicadas a práticas assistenciais diversas [...] Podem ser de origem religiosa, mas não são espaços de culto e constituem-se formalmente de modo independente.* (Landim e Scalom 2000:32)

Neste sentido, ao se admitir que a assistência social é capaz de absorver os cuidados em diversas áreas, entende-se que a motivação para assistência pode se expressar em trabalhos voluntários na área da saúde, espaço institucional desta análise.

Observe-se que no quadro abaixo, extraído dos estudos de Landim e Scalom, as instituições para as quais mais se doou dinheiro foram instituições religiosas e de assistência social. As autoras chamam atenção para, no que se refere a freqüência de doações, as instituições de assistência social são as preferidas dos doadores.

Gráfico : Percentual do Valor Doadoo e do Número de Doações por Área.



Fonte: Landim e Scalom 2000:33.

No entanto, quanto à quantidade de dinheiro doado, vê-se que as instituições religiosas são as que recebem as maiores doações. As autoras concluem então que;

Que as pessoas (ainda?) preferem fazer donativos para áreas e instituições privadas de perfil tradicional, onde são fortes os ideários assistenciais (simplificadamente, por distinção dos cívicos) e onde o padrão de mediação das instituições religiosas continua a predominar.

Pode –se supor que também que as igrejas e centros religiosos - além de serem alvo significativo de doações dos de menor renda [...] – inspirem mais confiança dos doadores.

(Landim e Scalom 2000:34).

Após esclarecer que neste estudo entende-se a assistência social como campo autônomo e absorvedor das práticas voluntárias, leva-se em consideração a importância das instituições religiosas como receptoras de grande parte das doações. É importante, assim que se trate dos fundamentos religiosos para inserção dos indivíduos em trabalhos voluntários.

Fundamentos Religiosos Para o Trabalho Voluntário.

Neste estudo trabalha-se com a hipótese de que a ação voluntária pode relacionar-se diretamente aos valores religiosos.

Segundo Simões (2005),

[...] a ação assistencial guarda nexos de sentido com valores religiosos. A existência destes nexos possibilita a atribuição de valores religiosos à prática assistencial, mesmo quando esta ocorre em um ambiente institucional secularizado, como Estado e mercado.
(Simões 2005:57)

Esta parte, aborda as bases religiosas para a ação voluntária levando-se em consideração as religiões Católica, Protestante e Espírita Kardecista porque se considera que as suas respectivas éticas têm relação direta com a tradição das práticas assistenciais no Brasil.

Há afinidades eletivas entre o catolicismo, o protestantismo e a assistência social, conforme explicita Simões (2005).

Católicos e protestantes teriam, segundo Weber (1994), uma forma distinta de lidar com o trabalho assistencial, forma derivada da ética da salvação, presente em cada uma das religiões.
(Simões 2005:58).

Paiva (2000), afirma que a secularização representou, não a negação da religião, e nem mesmo a perda de importância da religião para a análise sociológica. Mas, ao passar para o mundo subjetivo, a religião se torna uma das diversas formas de interpretação da vida de que os indivíduos dispõem. E que esta passagem foi condição fundamental para efetiva participação do indivíduo na sociedade. [Já que] a racionalização ocidental [...] não significa que as pessoas ajam racionalmente o tempo inteiro. (Paiva 2003: 26).

A partir deste processo de secularização, houve também um rompimento entre o indivíduo privado e o cidadão, se tornando este a expressão pública daquele. E se as dimensões pública e privada aparecem como distintas, elas não deixam de estar relacionadas. Nem todos os valores modernos se contrapõem aos

religiosos. Grande parte dos primeiros nada mais é do que uma derivação dos segundos. Toda a discussão dos valores religiosos deriva da ética da salvação que será discutida adiante.

No Brasil, a cultura moderna é atravessada pelo movimento barroco católico, e o modo como às pessoas vão agir dependerá, em alguma medida, destes valores religiosos. Entre a cultura moderna e os tradicionais valores religiosos católicos existem tensões, isto é, alguns valores se associam outros não. No Brasil, existem várias religiões, com suas éticas próprias que se adequam mais, ou menos aos valores engendrados pela modernidade. É uma especificidade do catolicismo a adequação menor a esses valores.

Já entre os protestantes existe uma afinidade eletiva (que será vista mais adiante) entre seus valores e os modernos, isto porque no protestantismo existe uma liberdade e igualdade desconhecidas dos católicos. Esta característica coincide com os marcos para a fundação da modernidade. No entanto, não se pode afirmar que os valores protestantes buscaram essa afinidade propositadamente. Paiva escreve, com relação aos novos valores engendrados pela modernidade e a afinidade protestante a eles que;

Nesse novo leque de opções, entre elas a escolha das diversas denominações protestantes, surge então um indivíduo com maior possibilidade de ser agente. E a ética protestante especialmente a puritana, está mais afinada com esse processo de modernidade, e representa a esfera religiosa que melhor vai propiciar interação com esfera social, imprimindo um novo sentido para a agência humana. Como lembra Tuner, “o individualismo emerge da tradição ascética com sua ênfase na autonomia, na atividade e na responsabilidade”.

(Paiva 2003: 29-30)

Dentre os aspectos importantes do protestantismo destaca-se ainda, a necessidade de confiança mútua.

Esta confiança possibilita que ocorram formas de associação que agregam fins de interesse comum, para além da comunidade familiar. O caráter instrumental e utilitário das mesmas faz com que, nelas, não se confundam as relações afetivas com relações de interesse. É este aspecto fundamental que possibilita relações horizontais de interesses entre iguais, em contraposição as relações verticais e hierarquizadas entre não iguais, segundo o modelo da comunidade familiar.

(Simões 2005:62)

Nas religiões protestantes a associação é voluntária e, segundo Fernandes (1994), abre espaço simbólico para que os indivíduos se reúnam por decisão própria a fim de enfrentar os desafios da vida. Acredita-se que a influência desta ética, tenha provavelmente entusiasmado a redefinição do papel do indivíduo na sociedade brasileira.

Os estudos de Simões (2005), demonstram que o catolicismo detém uma estrutura hierarquizada que não serviria de estímulo para a criação de vínculos horizontais de solidariedade verificáveis na sociedade moderna. Na ética da salvação católica, o controle sobre a vida privada do indivíduo é "frouxo" e tem um caráter assistemático onde o pecado precede o arrependimento, e este a absolução pelas obras. É a idéia que, se o indivíduo pecar, pode facilmente obter absolução pelas obras, ou na iminência de morte, pela confissão ao sacerdote.

É nesta necessidade da mediação sacerdotal, entre o indivíduo e o transcendente, que se encontra a hierarquização característica do catolicismo. Esta ótica estimula práticas assistenciais verticalizadas, que distingue bem quem faz de quem recebe a caridade. Este deve ser humilde sendo esta a condição para sua salvação, uma vez que ao pobre não é possível exercer a caridade.

Para os católicos, a salvação dá-se basicamente pelas obras. Estas podem ser entendidas, segundo a análise de Weber sobre o catolicismo, como atos caritativos dispersos (ou seja, não necessariamente sistemáticos), em que cada gesto de bondade compensaria, em alguma medida, pecados anteriormente cometidos pelo fiel, em um ciclo de pecado-arrependimento, reparação, relaxamento, seguido de novo pecado.
(Simões 2005:58).

Paiva (2000), acredita que o católico não se sente responsável pela sua salvação porque a distribuição da graça divina é “*de responsabilidade da hierarquia eclesiástica [...] a liberdade de consciência do católico se resume a obediência ao papa*” . (2000:39).

Já a ética protestante, com destaque para a calvinista, é individual, não prevê boas obras deve-se seguir sua vocação no mundo, e as boas obras servem para a santificação da vida com o fim último da salvação.

A idéia da salvação parece, portanto, como uma das diferenças mais relevantes para as visões de mundo católica e calvinista: enquanto a salvação é através da prática diária de uma ascese cultivada para ser um dos escolhidos para o protestante calvinista, ela se dá através da absolvição para o católico, o que implica na responsabilidade individual pra o primeiro e transferência paternalista par o segundo. Nessa ética calvinista são abolidas as “boas obras” com as quais o católico assegurava sua salvação e que não formam necessariamente um sistema de vida integrado, ou pelo menos racionalizado, mas permaneciam muito mais uma sucessão de atos isolados.

(Paiva 2003:39-40).

Cabe ao indivíduo construir em si a salvação, a partir da retórica da predestinação calvinista. Esta salvação se evidenciaria por meio dos resultados materiais obtidos. “*A riqueza passa a ser vista como um sinal de Deus, e o cristão autêntico deve saber utilizá-la*”. (Simões 2005:59). Assim se não se está salvo, pelo menos estaria no caminho certo;

Somente por meio de uma vida santificada, e da ação consciente de glorificação de Deus, em cada ato da vida profana, é que há certeza da salvação. Neste sentido, a ética da salvação calvinista empurra o fiel para o exercício regrado das atividades cotidianas, incorporando uma interpretação totalmente diversa da católica sobre o sentido da santificação da vida, entendida, pelos católicos, como a vida monástica ou a renúncia/ alheamento da vida profana (Souza, 1999). Conseqüentemente, o “seguir a vocação” ganha um sentido absolutamente religioso e passa a ser a própria finalidade da vida.

(Simões 2005:59).

Por outro lado, o trabalho também deve se guiar por uma perspectiva extra material, superior aos interesses terrenos. Já que o trabalho bem sucedido, era o sinal da afinidade do fiel, aos propósitos de Deus. E do bom aproveitamento das oportunidades proporcionadas por Ele. Assim toda a atividade terrena deveria se orientar por interesses “eternos” (de salvação / vida eterna), sob pena de se não o fizer, ser considerada uma forma não ética de aproveitar as oportunidades oferecidas por Deus.

Além disso, para os protestantes, é necessário dar a devida destinação aos rendimentos, o que se expressa no investimento e na divisão dentro de uma

postura ascética de que quanto mais partilho, maiores as chances de obter mais lucros. Isto serviria de motivação para, além das doações, também para o engajamento em trabalhos voluntários.

Um dos meios considerados como legítimo de gasto do dinheiro era doação ou trabalho caritativo. Dar mais para receber mais, ou melhor, quanto mais se dividem ou se partilham os bens de Deus, mais crescem as graças de Deus sobre aquele que age de forma desprendida.
(Simões 2005:59)

Por outro lado, a mesma postura ascética vai de encontro ao uso irracional das riquezas e restringe o consumo, principalmente do luxo. Para Simões (2005), o protestantismo ascético representou uma tentativa de racionalizar o modo de vida sob o valor de que a vida terrena segue, o propósito de ser apenas um instrumento para a glorificação progressiva de Deus. Neste sentido é que os valores protestantes se afinam aos modernos. E aliados ao incentivo a poupança e a racionalização dos gastos, introduzem os meios necessários para a acumulação de riqueza.

Deste modo é que se explica a finidade eletiva entre o protestantismo e os ideais da modernidade, na medida em que ao resolver um problema religioso, o protestantismo se afina, mas não de propósito, com o modelo de produção então vigente.

No catolicismo, a idéia de Igreja não estimula o desenvolvimento do capital social na medida em que há uma hierarquização institucional. Já entre os protestantes aquele será mais fortalecido, devido a maior igualdade entre os membros. Quanto maior for o capital social, menor será a necessidade do Estado e isto favorece a democracia. Neste sentido, o associativismo é uma idéia secularizada das seitas protestantes.

Segundo Mateus (2007), importantes como fatores determinantes do voluntariado, são também a compaixão e a solidariedade. O voluntariado inspirado pela compaixão está intimamente ligado à religiosidade brasileira. A solidariedade, entenda-se como sentimento que leva um grupo de pessoas a se unir para se auto-ajudar. Este é o caso do tipo de voluntariado praticado pelas religiões

Kardecistas, cuja inspiração está muito mais na solidariedade e na necessidade de apoio mútuo, embora sem excluir o sentimento de compaixão. Na doutrina kardecista, a prática da caridade é condição para a evolução do espírito em suas diversas encarnações. Os templos destas religiões, são também locais aonde as pessoas vão em busca de assistência material e onde se articulam formas de trabalho voluntário.

Giumbelli (1995), acredita que embora haja grandes diferenças entre espiritismo e catolicismo, com relação ao imperativo ético da caridade estas religiões se aproximam. Isto porque nas duas religiões a necessidade da salvação se dá a partir das relações com o “outro”. É por meio da caridade ao “outro” que se alcança a salvação no caso católico, ou a evolução do espírito para o Kardecismo.

Apesar das profundas divergências, Espiritismo e Catolicismo não deixavam de concordar quanto aos fundamentos e aos objetos do imperativo ético da caridade. Em ambos os casos, a trajetória evolutiva ou a salvação eterna estão necessariamente referidas a um “outro” personificado de modo mais perfeito no pobre, no necessitado, no desvalido. (Giumbelli 1995:10)

Para o autor, tanto a tradição católica, quanto a cosmologia espírita centram-se na caridade, e a tornam um imperativo ético. Esta centralidade da caridade na cosmologia espírita explica, segundo ele, a ligação da ação caritativa com a filantropia e a assistência social para os adeptos desta religião.

Para o espiritismo, que crê numa hierarquia entre espíritos, a caridade tem uma dupla dimensão. Ao mesmo tempo em que afirma a distinção hierárquica espiritual, também revela uma identificação que justifica sua prática.

Enquanto tal...."Fundava-se não somente no reconhecimento da inferioridade alheia como no reconhecimento da própria inferioridade, da vontade e necessidade de redenção e evolução daquele que dá". Mais que um valor, a caridade torna-se por isso um mandamento capaz de mobilizar recursos pessoais e financeiros em vista de ações filantrópicas, cristalizadas em instituições específicas ou dispersas entre os próprios centros espíritas. (Giumbelli 1995:10-11)

Um outro dado importante, enunciado por Giumbelli, refere-se que as instituições espíritas que ao mesmo tempo se definem como centros espíritas, e

“obras sociais”. Segundo o autor, é possível combinar essas duas categorias a partir do modo como os espíritas concebem suas próprias instituições.

Para o pesquisador, os espíritas radicalizam o componente secular da vida religiosa, e essa abertura para o exterior fica mais clara quando se analisam as finalidades das atividades das instituições espíritas.

Número de Instituições Espíritas segundo Finalidade das Instituições

Finalidade	Nº Inst	%
Estudo da doutrina	106	96,4
Divulgação doutrinária	96	87,3
Assistência Social	76	69,1
Assistência Espiritual	6	5,5
Outra	4	3,6

Fonte: Censo das Instituições Espíritas - NP/ISER
Universo = 110 (Respostas múltiplas)

Extraído de Giumbelli 1995:46.

De acordo com a tabela acima quase 70% das instituições, analisadas por Giumbelli, definem suas atividades como de assistência social. Para o autor, o fato de existirem instituições espíritas que não definem suas atividades como “obras sociais”, não as impede de exercer essas atividades. Neste sentido, para ele, esta é uma situação análoga a do catolicismo no qual as paróquias freqüentemente incorporaram atividades de obra social.

O fato de ora haver uma correspondência declarada das finalidades das instituições religiosas espíritas com as “obras sociais”, e ora não haver essas declaração indica, para o autor, duas coisas;

Em primeiro lugar, a articulação entre a motivação religiosa e a atividade assistencial é confirmada, pois a última não existe desvinculada da primeira. É porque a caridade faz parte da doutrina espírita que a filantropia toma sentido. Em segundo lugar, as próprias fronteiras que fornecem elementos para aquela articulação também são afirmadas pois

há instituições que pretendem se restringir a nível de objetivos às dimensões propriamente religiosas do espiritismo. Mas nesse caso podemos formular que [...] do mesmo modo como não são apenas as "obras sociais" que se propõem a atuar no campo da assistência social não podemos supor que existam instituições sem fins sociais. (Giumbelli 1995:46).

Católicos, protestantes e espíritas, como já foi visto, apresentam formas diferentes de lidar com o trabalho assistencial, diferenças estas derivadas das éticas da salvação presentes em cada uma das religiões.

Contudo se existem semelhanças entre as religiões, principalmente entre as cristãs, estas derivam de que sempre encorajaram um tipo de "ajuda" que se define, segundo Godbout, por um: "Amor aos alheios" (1999:94). Para o autor, é uma importante característica do cristianismo que a assistência caritativa não se limite aos próximos. Isto porque o "próximo é a humanidade inteira". Neste sentido para ele, nas comunidades religiosas os membros funcionam como "profissionais da dádiva" que sob uma perspectiva moderna são impensáveis. Já que, para o autor, as teorias modernas fundam-se em conceitos básicos de exploração, dominação e utilitarismo. (Godbout 1999:94-95).

Mas existem ainda tensões quanto a religião propriamente dita e a religiosidade "individualmente livre" (aqueles que não se inserem em nenhuma instituição estrita). Esta tensão será analisada a seguir buscando ao mesmo tempo expor as particularidades das inserções atuais, que definem as diversas formas de vivência da religiosidade, e as tradicionais formas de inserção religiosa - o pertencimento institucional.

Religião X Religiosidade

Esta parte aborda o conceito de religiosidade confrontando-o com o de religião. Percebe-se que, na contemporaneidade, o conceito de religiosidade foi ampliado para absorver aqueles segmentos populacionais que não necessariamente filiam-se a uma tradição religiosa em sentido estrito, o pertencimento institucional, característico da religião propriamente dita. Mas que ao contrário, deslizam livremente pelas tradições religiosas numa absorção de rituais das mais diversas vertentes. Isto porque entende-se que na atualidade, como assinala Regina Novaes 1994, existem os "sem religião" que apesar disso se definem religiosos. São aqueles representantes da negação institucional, e que transitam autonomamente entre as diversas alternativas religiosas. Desta forma a autora considera que a categoria "sem religião" pode abrigar muitos daqueles que

têm princípios ético-religiosos e possuem uma concepção filosófico-racional de religião, mas que não reconhecem nas religiões institucionais o depósito legítimo destes conteúdos.

Assim, segundo a autora, emerge na época presente uma nova "consciência religiosa" caracterizada por um "aumento da religiosidade com diminuição de pertencimento institucional" (Novaes 1994:64). Camurça expõem em seu artigo publicado no ano de 2001, na revista do Núcleo de Estudos da Religião da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que a modernidade engendrou no Brasil uma liberdade de escolha religiosa que rompeu com as tradicionais formas de inserção religiosa:

As estatísticas e análises sobre o panorama religioso no Brasil apontam para a quebra da antiga hegemonia católica na população brasileira em direção a um quadro cada vez mais crescente de pluralismo religioso [...] onde floresce o ideal do individualismo moderno, em que o indivíduo como sujeito autônomo diante das várias opções religiosas, pode exercer sua escolha e decisão de adesão e rejeição de uma religião por outra.
(Camurça 2001:43).

Uma alternativa para esta opção pela religiosidade em detrimento da religião tradicional, se daria a partir do aumento da diversificação religiosa no país. A dimensão moderna vem se afirmando frente ao tradicionalismo de origem católica. Isto se deve em parte pela possibilidade de se ter acesso às tradições religiosas restritas a regiões remotas em razão do desenvolvimento dos meios de comunicação. "Neste sentido esperar-se-ia encontrar uma crescente diversidade religiosa [entre os brasileiros]" (Camurça 2001:43).

Além disso, o Censo de 2000 do IBGE identificou a presença de cinco mil respostas diferentes à questão "qual é sua religião?" na população brasileira, o que aponta para o crescimento de novas religiões no país. Por outro lado este mesmo desenvolvimento dos meios de comunicação empurrado pela globalização aponta, segundo Meirelles, para uma dissolução e perda dos valores sociais ligados ao humanismo latino que estariam sendo suplantados pelo individualismo e pela uniformização das culturas locais a partir dos ideais de uma sociedade de consumo. Ao mesmo tempo, o "encurtamento das fronteiras tornou orgânicas novas e velhas formas de organização social, dando maior dinamicidade às redes não governamentais de ação política" (Meirelles 2004:152).

Uma vez que já foi descrito um mapeamento da ação voluntária civil no capítulo primeiro, e das motivações religiosas no segundo, o próximo capítulo abordará o trabalho voluntário numa instituição específica a "Rede Saúde Criança" (RES).

Capítulo III:

METODOLOGIA, REDE "RES" E ANÁLISE

DAS ENTREVISTAS:

A rede "RES" é *um espaço de relacionamento cooperativo entre Associações autônomas*. O público-alvo das Associações são crianças e suas respectivas famílias, que se encontram em risco social. Esta Rede já se espalhou por diversos hospitais públicos em todo o Brasil. Até o momento incluem dezesseis instituições dentre as quais onze se localizam no Rio de Janeiro, e trabalham vinculadas aos seguintes hospitais:

- ❖ Hospital Municipal da Lagoa - Fundada em 25/outubro/1991.
- ❖ Hospital dos Servidores do Estado - Fundada em 1/Outubro/1993.
- ❖ Hospital Municipal Salles Neto - Fundada em 25/Janeiro/1995.
- ❖ Hospital da Piedade - Fundada em 18/Julho/1995.
- ❖ Instituto Fernandes Figueira - Fundada em 12/Setembro/1995.
- ❖ Hospital do Fundão - Fundada em 15/Maio/1997.
- ❖ Hospital Alcides Carneiro - Fundada em 6/Outubro/1998.
- ❖ Hospital da Posse - Fundada em 18/Abril/2001.
- ❖ Hospital Municipal Jesus - Fundada em 12/Junho/2002.

❖ Hospital Municipal Raphael de Paula Souza -Fundada em 11/março/2003.

❖ Hospital PAM de Santa Teresa - Fundada em 22 de maio de 2006.

A pesquisa foi realizada nas unidades do Rio de Janeiro por dois motivos. Em primeiro lugar esta é a área de abrangência que a análise se propõe a tratar; O segundo motivo é que na região sudeste, particularmente no Rio de Janeiro, está a maior concentração de instituições da rede "RES".

Paralelo a isso, a escolha da rede "RES" se deu em função da organização verificada nesta rede. Nela o trabalho voluntário está organizado de forma sistemática, o que contribuiu para a fluidez da pesquisa.

Outro fator importante para escolha da "RES" foi que este é um espaço laico, portanto livre de influências diretas das religiões. Assim buscou-se identificar se há motivação religiosa para o trabalho voluntário, em um espaço não religioso.

De acordo com Moreira (2005)⁸, o trabalho na área da saúde, mais especificamente no espaço hospitalar, inclui três dimensões importantes que o caracterizam. São elas a "*bondade*", a "*confiança*" e o "*sofrimento*". E o hospital "enquanto berço da filantropia e da caridade" é historicamente marcado por estas dimensões.

Essas três dimensões [a bondade, a confiança e o sofrimento] englobadas no interior dos mecanismos de reciprocidade nos reenviam ao campo da dádiva e do espaço onde o que se oferece nem sempre está associado a dimensão material, mas produz efeitos simbólicos e de conteúdo afetivo.

(Moreira 2005:19).

Conforme a autora, ainda que o trabalho no hospital dependa de um grau de humanização, é importante considerar o fato deste ser um local onde é hegemônico o saber técnico-científico. Reconhecendo os limites da prática profissional, a ação social voluntária procura ser complementar a ele. A autora

⁸ Moreira escreveu no ano de 2005, uma tese de Doutorado pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, que nos foi de grande valia, como referência bibliográfica. Nela a autora analisa a sociabilidade e o voluntariado no associativismo do RES, mesmo grupo de instituições no qual realizamos nossa pesquisa.

ressalta ainda, que em sua pesquisa, é unânime entre os entrevistados a necessidade de manter e cultivar boas relações com o hospital. Isto porque uma das características das instituições “RES” é estarem vinculadas a um hospital público, com leitos de pediatria. Um dos objetivos destas organizações é contribuir para a qualidade do atendimento e, para alcançar tal objetivo, focaliza-se a clientela. É neste ambiente que se situa o presente trabalho.

A pesquisa de campo foi feita por meio de entrevistas semi-estruturadas, que buscaram privilegiar a construção da narrativa sobre a motivação individual do voluntário, para sua inserção no trabalho institucional. O destaque subjetivo possibilitou a apreensão dos diversos matizes presentes no discurso dos voluntários. Estes se sentem motivados por aspectos que vão, desde questões religiosas até ocupação de tempo ocioso.

Foram realizadas doze entrevistas⁹. Nove delas com voluntários e três com os coordenadores das respectivas instituições. Estas últimas três entrevistas possibilitaram a compreensão do histórico das organizações “RES” bem como as particularidades e semelhanças entre elas.

Dois tempos das organizações puderam ser percebidos a partir destas entrevistas: o momento inicial de ações que se originaram na informalidade, -de doações dos funcionários dos hospitais a pacientes cujos vínculos afetivos eram mais densos- e o momento atual de uma ação que se torna realidade por meio de sua institucionalização. Cabe ressaltar que a pesquisa de Moreira (2005) também faz menção a estes dois momentos das “RES” o que confirma esta impressão.

É importante destacar que todos os voluntários e coordenadores, foram extremamente receptivos para com a pesquisa e a pesquisadora, o que pode ser explicado pelo que Moreira entende como uma surpresa, ou orgulho, dos voluntários por saber da existência de uma pesquisa voltada para o conjunto das associações “RES”. Isto representaria um reconhecimento social vindo do espaço acadêmico. Fato este comprovado pelos vários e-mails e alguns telefonemas, por nós recebidos, das instituições com divulgação de suas atividades após as entrevistas.

⁹ Todas as entrevistas foram gravadas, com autorização prévia dos entrevistados, mediante a garantia do anonimato.

Este trabalho pretendeu se guiar por uma perspectiva analítica qualitativa, segundo a qual a pesquisar é dar aos sujeitos envolvidos a qualidade de protagonistas do processo (Minayo, 2002). As unidades visitadas foram escolhidas de acordo com a disponibilidade institucional para o recebimento da pesquisadora.

Trabalho Voluntário: Egoísmo ou Altruísmo?

Existem voluntários que atuam na parte administrativa e os que preferem, por exemplo, lidar com o público diretamente nos bazares e entregas de remédios e cestas básicas. As causas destas diferentes vinculações decorrem das diferentes motivações para suas inserções no trabalho voluntário. O que se percebe é que, com freqüência, as pessoas que querem ocupar seu tempo livre, ou que têm uma consciência social civil como motivação para o trabalho voluntário, em geral estão inseridas nas atividades de cunho administrativo. Enquanto as que atrelam sua motivação, pelo menos em parte, as religiões preferem atuar como agentes de distribuição direta dos donativos.

Para Jon Elster (1994), existem ações altruísticas que são motivadas por um senso de dever, e que por isso não precisam proporcionar nenhum prazer para que o agente as pratique. Mas por outro lado, o autor afirma que “*talvez o comportamento altruísta realmente surja do auto interesse*” (1994:71)

Este interesse poderia ser explicado, segundo o autor, pela expectativa de que, a longo prazo, se receba uma retribuição. Mas no caso das ações voluntárias praticadas em associações como os “RES”, dirigidas a pessoas estranhas, vulnerabilizadas socialmente e que por isso dificilmente teriam condições de retribuir a dádiva, que tipo de interesse pode haver por parte dos doadores voluntários?

Jon Elster indaga se “*o patrono de uma obra benéfica é motivado antes por seu próprio prestígio que pelas necessidades dos beneficiários? O que lhe importa é que suas doações sejam visíveis e divulgadas. E não quem se beneficia*

delas" (1994:71). Isto é confirmado pela idéia de uma das coordenadoras da rede "RES". Ela afirma a importância da visibilidade social que o trabalho voluntário lhe proporciona. Diz ela que entre seus amigos é a única que se dedica ao trabalho voluntário e isto a faz ser admirada por eles.

Isto poderia levar a falsa idéia de que toda ação é, em última análise, em função do interesse egoísta do agente praticante. Contudo não se pode considerar isto verdade visto que, como já foi mencionado, algumas ações são praticadas tendo como motivação o senso de dever do agente. E é nisto que se fundamenta a análise de Elster, para o autor a idéia da ação pelo dever destituído do prazer é de todos.¹⁰

Elster nos lembra ainda que, a idéia de que o auto interesse faz girar o mundo é contrariada por alguns fatos familiares. E que também alguns contribuintes de obras de caridade o fazem anonimamente assim não são motivados pelo prestígio.¹¹ Ele também lembra que;

O comportamento não-egoístico puro é representado pelas contribuições anônimas a obras de caridade impessoais. Presentes para pessoas específicas poderiam ser explicados pelo prazer do doador em dar prazer. Presentes publicamente visíveis poderiam ser explicados pelo prestígio ou pelas sanções sociais impostas aos não-doadores. Apenas presentes de desconhecido a desconhecido são não egoístico sem ambigüidade. (Elster 1994:75-75)

Tanto os comportamentos não egoísticos, quanto os egoístas combinados com uma pequena porção de honestidade, aquele que se preocupa com a própria reputação, são encontrados entre os voluntários da rede "RES", em seguida é apresentado seu perfil.

¹⁰ Neste sentido nos parece que ele se aproximaria da noção de imperativo categórico kantiano. Segundo o qual a moral por ser autônoma nasce na própria consciência individual e pressupõe uma adesão íntima, absoluta e total do indivíduo para ser considerada ação moralmente pura, e portanto válida, para Kant. A ética de Kant, assim como nos parece a de Elster, é a do dever pelo dever.

¹¹ No entanto, o autor em uma nota de rodapé afirma que muitos doadores sem dúvida gostariam de ser conhecidos como doadores anônimos.

Quem São Os Que Trabalham Voluntariamente Na Rede “RES”?

A pesquisa de Landim e Scalon revelou a expressiva presença da caridade e das doações como prática regular na vida dos brasileiros. Quatro entre cinco indivíduos doam algo para alguém, ou alguma entidade, em algum momento da vida. (2000:72)

Para análise do perfil dos trabalhadores voluntários da Rede Saúde Criança “RES” levou-se em consideração as variáveis: Idade, gênero, escolaridade, ocupação e religião dos voluntários.

Variável idade e trabalho voluntário nos “RES”:

Analizando-se o perfil etário dos voluntários que trabalham atualmente na rede “RES”, percebe-se que o padrão encontrado nela não corresponde as estatísticas do perfil etário do voluntariado brasileiro.

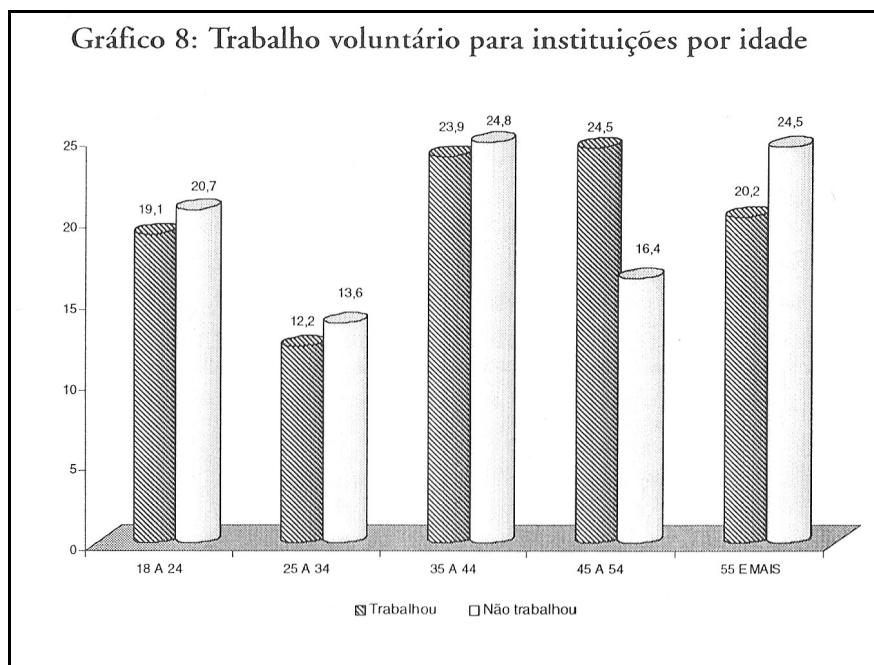
No Brasil, as estatísticas, segundo Landim (1993) mostram que não há associação significativa entre idade e propensão para o trabalho voluntário. Na rede aqui analisada, no entanto, o perfil dos voluntários quanto a faixa etária, parece ir na contra mão do apresentado pela autora¹².

Quatro dos voluntários entrevistados têm mais de sessenta anos e são, portanto idosos¹³. Há ainda dois voluntários que estão bem próximos dos sessenta anos. Levando-se em consideração que o tempo de trabalho voluntário nos “RES” é, em todos os casos superior a um ano, logo esses dois poderão ser somados aos quatro idosos, e estes se tornarão maioria. Há ainda outros dois voluntários

¹² Vale destacar que o trabalho de Moreira, não se prendeu ao perfil dos voluntários da rede “RES”, por isso os dados de referência deste ponto são os de Landim (1993).

¹³ O Estatuto do Idoso lei nº10741/03 considera pessoa idosa aquela que tem idade igual ou superior a sessenta anos.

com menos de trinta anos de idade. E apenas um com idade dentro do seguinte perfil traçado por Landim e Scalom (2000).

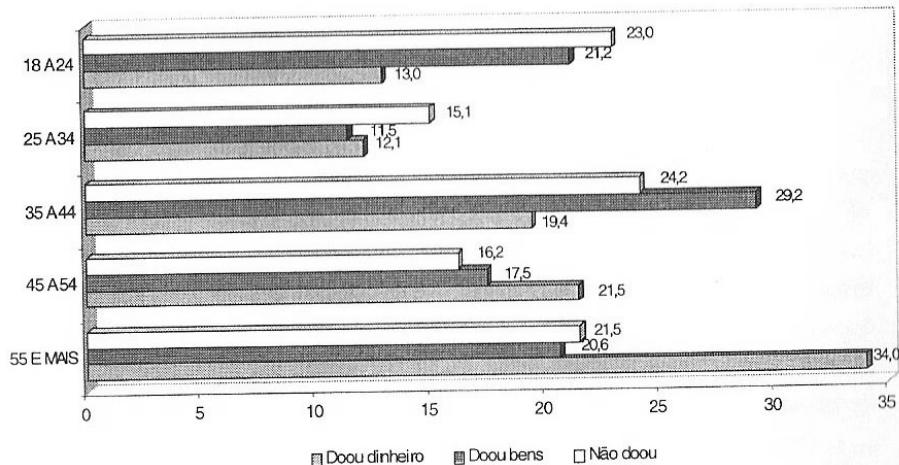


Fonte: Landim & Scalon (2000:57)

O trabalho das pesquisadoras mostra, que há mais trabalhadores voluntários na faixa etária que varia entre 35 e 54 anos no Brasil. A amostra encontrada nas associações “RES”, no entanto não se encaixa nesse perfil. Talvez porque o trabalho voluntário no campo da saúde não seja atraente para pessoas mais jovens, mas esta é uma hipótese que precisaria de um estudo específico para confirmação. No entanto, o que se pode afirmar é que, quanto a faixa etária, os voluntários dos “RES” podem ser divididos em dois grandes grupos: Os idosos, e os jovens.

A mesma pesquisa supracitada identifica que a variável idade influí, no entanto, nas iniciativas de doação de dinheiro para as instituições, como pode ser verificado no gráfico abaixo.

Gráfico 2: Doação para instituições por idade



Fonte: Landim & Scaloni (2000:36)

Assim quanto maior a idade, maior também será o número de doadores de dinheiro para instituições, embora a idade não seja um fator importante para o engajamento em atividades voluntárias. Na pesquisa de Landim e Scaloni (2000), a faixa etária é fator significativo no que se refere a doação de dinheiro. É interessante notar que o perfil etário dos doadores de dinheiro da pesquisa de Landim e Scaloni se aproxima do voluntariado dos “RES”.

Variável gênero e trabalho voluntário nos “RES”

A inserção das pessoas no trabalho voluntário é muito diferenciada e algumas vezes determinada pelo sexo. No entanto, este não é um fator importante para a sociedade brasileira como se verificará adiante.

A pesquisa de Landim e Scalom aponta que “*tanto faz ser homem como mulher, na sociedade brasileira, no que se refere a doar dinheiro ou bens para instituições*” (2000:36). No perfil elaborado pelas autoras, das pessoas que fazem doação para instituições há uma ligeira quantidade superior de mulheres do que de homens, 55% são do sexo feminino e 45% do masculino.

No entanto, com relação ao gênero dos trabalhadores da rede “RES”, há uma esmagadora presença feminina. Dentre os entrevistados havia duas vezes mais mulheres do que homens. Isto porque buscou-se deliberadamente entrevistá-los afim de “heterogeneizar” a amostra. Contudo essa tarefa não foi fácil. Já que eles são minoria, o tempo de espera para conversar com “eles” foi bem maior que o necessário para falar com “elas”.

Parece que na rede “RES” o perfil dos voluntários reproduz, pelo menos no que se refere ao gênero, o perfil dos fundadores da associações conforme pode ser observado na tabela abaixo extraída dos estudos de Moreira.

QUADRO I:

Associação	Fundação	Profissão do fundador	Vínculo do fundador com o hospital de atuação	Gênero do fundador
Renacer	1991	Medicina	Ex-servidor	Feminino
Refazer	1995	Medicina	Servidor	Feminino
Ressurgir	1995	Psicologia	Ex-servidor	Feminino
Recomeçar	1997	Do lar	-----	Feminino
Reagir	1995	Medicina e Enfermagem	Ex-Servidor	Feminino
Reerguer	1997	Comerciante e Análise de Sistemas	-----	Masculino
Recriar	2002	Acompanhante Domiciliar	Usuária do hospital / Ex-assistida	Feminino
Amigos da Pediatria	1997	Medicina	Servidor	Feminino
Revitalizar	2003	Psicologia	Ex-Servidor	Feminino
Reunir	1999	Psicologia	Ex-servidora universidade	Feminino
Repartir	2002	Medicina	Servidora Cedida	Feminino
Reconstruir	2003	Administração de Empresas	-----	Feminino
Renovar	1998	Técnico Raio X	de -----	Masculino
Reviver	1993	Medicina	Servidor	Masculino

Fonte: Moreira (2005:29)

Para Torres (2005), o Brasil é um país onde a esfera sócio-cultural é constantemente informada pelo discurso religioso, particularmente católico graças a sua maioria numérica.¹⁴ Segundo o pesquisador, na religião católica a

¹⁴ No Brasil, a Igreja Católica Apostólica Romana é uma instituição social que consegue realizar a entrada contínua de informações no campo social, afetando ações de indivíduos e grupos. Diretamente ligadas a esta Igreja temos duas conferências no Brasil: a CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) e a CRB (Conferência dos Religiosos do Brasil). Contabilizando o número de pessoas ligadas a estas conferências, calcula-se 57.819 membros até o ano de 2000, distribuídos entre padres, diáconos, freiras e frades, sendo que as freiras somam um grupo de 35.600 mulheres (CERIS2, 2003, p. 100). Além destas conferências, existe o laicato, composto por

ordenação sacerdotal é negada às mulheres, por serem mulheres, isto é, por pertencimento de sexo. Este impedimento não permite, na prática, a equivalência de possibilidades existenciais entre homens e mulheres na Igreja. Isto, segundo o autor, influencia na prática do voluntariado, uma vez que a negação sacerdotal às mulheres católicas as empurrou para o campo do *cuidado, da ajuda, da assistência* engendrando a maioria feminina nesta arena.

No entanto acredita-se que a predominância do gênero feminino observado entre os trabalhadores voluntários da rede “RES”, pode se explicar pelo tipo de trabalho realizado numa instituição no formato “RES”. Nelas o trabalho se dirige a clientela infantil, o que está diretamente associado a idéia de maternidade e portanto atraindo mais mulheres que homens para o trabalho voluntário.

Nesse sentido Moreira (2005) discute que um campo de análise possível quanto a escolha de participação em trabalhos voluntários, numa associação no formato dos “RES”, se dá em função da clientela alvo serem crianças o que reforça a hipótese do “cuidado” atrelado ao universo feminino da maternidade.

Varável escolaridade e trabalho voluntário nos “RES”:

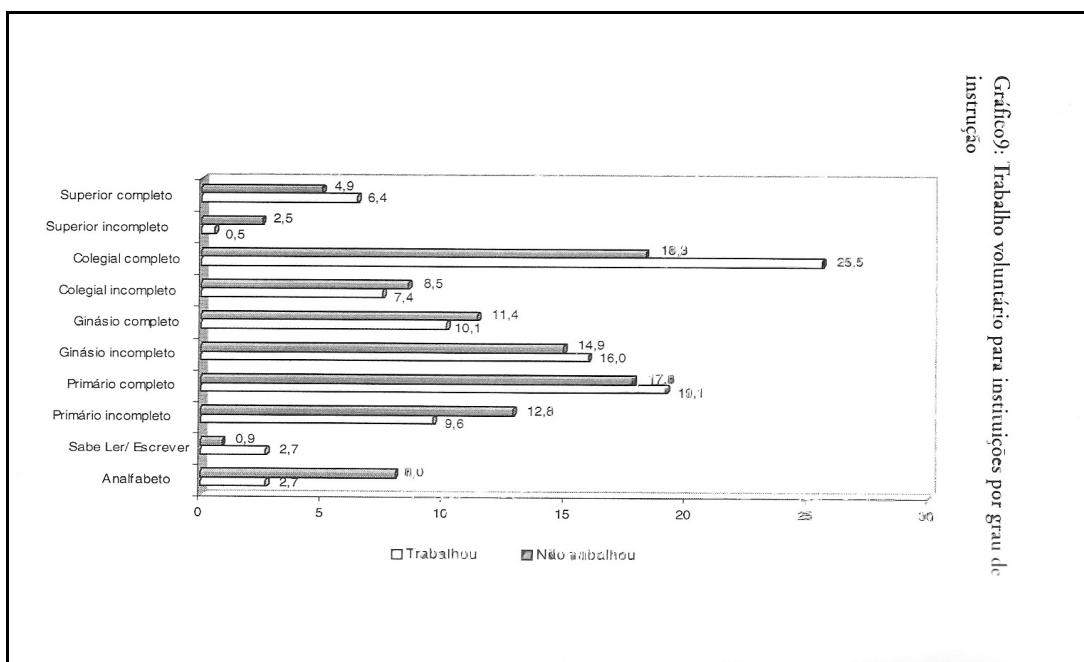
Com relação a escolaridade do voluntariado dos “RES”, a amostra revelou que os que têm ensino superior são o dobro dos que tem apenas o ensino médio.

Apesar disto, o estudo já muito citado, de Landim e Scalom mostra que a tendência no Brasil é do voluntário com nível de instrução de ensino médio.

leigos não necessariamente ligados a elas: segundo o senso 2000 do IBGE, uma amostragem em 12% de domicílios brasileiros indicava 125 milhões de católicos, numa população estimada em 170 milhões respondendo a 73,5% da população do país.

Fonte: Torres 2005.

Gráfico 9: Trabalho voluntário para instituições por grau de instrução



Fonte Landim & Scalom (2000:58)

Isto revela que os voluntários da rede “RES” estão acima da média de escolaridade do voluntariado nacional. Isto se deve ao local onde estão situados. A pesquisa de Landim e Scalon é nacional enquanto esta abrange apenas a área urbana da cidade do Rio de Janeiro, onde a escolaridade é maior que na maioria dos outros locais do país. Vide anexo nº4.

Variável ocupação e trabalho voluntário nos “RES”:

O perfil da amostra observada revela que quanto a ocupação sete dos nove, entrevistados é aposentado, ou não precisa trabalhar, destes há os que são sustentados pelos cônjuges. O fato das pessoas serem aposentadas, mostra que a ocupação do tempo livre é um importante fator motivacional para o trabalho voluntário. Além disso, mostra também que os voluntários das associações “RES” tiveram ocupações compatíveis com sua escolaridade¹⁵ e por estarem inativos no

¹⁵ Como já foi mostrado mais elevada que a média do voluntariado nacional.

mercado de trabalho, procuram o voluntariado para ocuparem o tempo livre como será visto adiante.

Varjável religião e trabalho voluntário nos “RES”

Com relação a religião pode-se dividir a amostra em três grupos principais. Há aqueles que têm uma religião propriamente dita, e que vinculam sua motivação para o trabalho voluntário diretamente a ela. Em posição diametralmente oposta, os que se declaram sem religião e que portanto não admitem essa motivação. E um terceiro grupo, que embora se declare não vinculado a nenhuma religião propriamente dita, admite que têm uma “religiosidade”, e a ela vincula parte de sua motivação para o trabalho voluntário. Estas características serão detalhadas no ponto *“Trabalho voluntário atrelado a valores religiosos”*.

Tendo em vista as características acima analisadas pode-se resumir o perfil dos voluntários da rede “RES da seguinte maneira:

Tem-se para este grupo um perfil um pouco diferente do voluntariado nacional traçado por Landim e Scalon. Os voluntários da rede “RES têm escolaridade maior do que o nacional, estas pessoas tiveram atividades profissionais compatíveis com sua escolaridade e isso é possível de ser observado pela ocupação que elas tiveram. São pessoas que já se realizaram profissionalmente, estão aposentadas e com tempo livre, e é isso que caracteriza mais fortemente a amostra. Na sua maioria são do sexo feminino e estão na terceira idade. Além disso, o fator religião, ou religiosidade, é importante para elas.

Analisado as Entrevistas, a Importância do Fator Religião:

A análise crítica das respostas dos entrevistados, quando se pergunta “o que é ser voluntário?” Evidencia-nos que, essas pessoas têm uma concepção de trabalho voluntário que se resume em três principais idéias. A idéia que luta por causas sociais, a idéia de satisfação, e a idéia que atrela o trabalho voluntário estreitamente a valores religiosos. No entanto, não se pode dizer que estas idéias estão em compartimentos estanques hermeticamente separadas.

O que se observa, pelo contrário, é que encontra-se pessoas que embora religiosas, estão mais motivadas pelo sentimento de solidariedade social que se aproxima da luta pelas causas sociais do que pela religião. Há ainda aquelas que embora se declarem não religiosas, tem o discurso atravessado por nuances de religiosidade. Justificam sua motivação na religião e se utilizam do “RES” para materializarem suas crenças.

A idéia de que se luta por causas sociais:

Uma mola propulsora do voluntariado é a indignação. A indignação contra a miséria, contra as más condições de educação, de moradia, de cultura etc. No Brasil, perde força a militância de esquerda e ganham hegemonia as organizações cuja forma de atuar fundamenta-se na ação voluntária O exemplo mais conhecido é o do sociólogo Herbert de Souza, o “Betinho”.

Naturalmente, além de indignação, os voluntários têm os mesmos sentimentos de solidariedade e compaixão do voluntário tradicional, mas hoje se quer mais do que apenas socorrer, agrega-se a idéia de transformação social à prática do voluntariado. Assim, nas instituições “RES” uma motivação do trabalho voluntário está atrelada a luta pelas causas sociais.

É saber que estou fazendo minha parte independente do o que o governo pode fazer. Independente dos impostos que eu pago em dia. É eu lutando com as minhas próprias forças pra poder tornar o mundo mais humano.
(Entrevista REC¹⁶2)

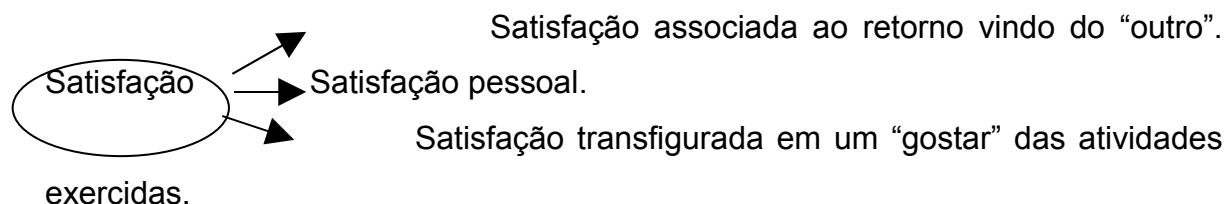
¹⁶ As Abreviações REC, REN e RES acompanhadas da devida numeração, serão utilizadas para identificar as entrevistas resguardando a identidade dos entrevistados.

Agente precisa fazer alguma coisa pra melhorar a vida das pessoas [...] Tenho ajudado muita gente durante esses anos e eu sei que agente precisa fazer alguma coisa pros outros.(Entrevista REC1).

O que me incentivou para o trabalho voluntário, foi o fato de ter tido uma vida profissional e pessoal muito bem sucedida. Eu acho que num país como o Brasil onde o cenário de corrupção de pobreza de miséria,b quem é bem sucedido tem obrigação de fazer sua parte (REN1)

A idéia de satisfação:

A idéia de satisfação para os voluntários da rede “RES” se subdivide em três espécies de satisfações diferentes:



- Quanto ao primeiro tipo de satisfação, vejamos a resposta de um dos voluntários a seguir;

É você dar seu tempo em troca de nada. Você não recebe nada em compensação a não ser um muito obrigado.

(Entrevista, Rev 03)

E ainda;

É ser uma pessoa caridosa e preocupada com o bem estar de desconhecidos [...] isso também me faz bem eu me sinto útil me sinto importante parece que assim eu pago por tudo que tenho [...]. e então estamos fazendo pra gente também. Ajuda a diminuir a bandidagem também. Porque estamos dando oportunidade pra quem não tem e ai eles não vem assaltar agente depois.[...] ser voluntário é estar preocupada com o bem estar de desconhecidos e com o seu próprio

bem estar, porque esta fazendo o bem aos outros e a si mesmo como eu disse. (Entrevista Rec 01)

- Com relação a satisfação pessoal é ilustrativa a seguinte resposta:

...olha ser voluntário é a satisfação daquilo que você faz [...]. Você não tem tempo de pensar besteira de ficar procurando doença no corpo todo acabou. Quando eu entrei eu pensei não sei se vou agüentar vê uma criança doente. Hoje eu diria que lidar com pessoa idosa eu não agüentaria, porque chega uma hora que você não pode mais fazer nada, só esperar morrer. Mas criança sempre se pode fazer algo você às vezes olha e entende o que ela quer é isso ai que pra mim é ser voluntário.
(entrevista Rev2)

- Com relação ao gostar da atividades um voluntário menciona que;

Agora ocupa muito o tempo e você vê que seu problema não é nada em relação aos problemas que você vê aqui dentro. Você não tem tempo de pensar besteira de ficar procurando doença no corpo todo acabou. É um agregado de coisas mas é também a simpatia você começa a se envolver e começa a gostar [...] Ai vem aquele negocio será que eu vim pelo trabalho ou pra ocupar meu tempo?
(Entrevista Rev2)

Outro voluntário diz;

[...] eu pelo menos to gostando de ser voluntário há tanto tempo... vai fazer 6 anos em outubro.
(entrevista REN1)

Essa busca pela realização pessoal presente nas três tipificações da “satisfação” dos voluntários se realiza quando encontra correspondência entre suas atividades voluntárias, e suas expectativas religiosas. A conotação religiosa está presente tanto na idéia de “ajuda” quanto na de realização pessoal expressa na “satisfação”.

Trabalho voluntário atraído a valores religiosos.

Nesta parte serão analisadas as respostas dos voluntários que atrelaram seu trabalho a uma perspectiva religiosa. No entanto, sem considerar que haja diferenças entre os que são adeptos de religiões propriamente ditas, e os que têm uma religiosidade¹⁷. Isto porque entende-se que esta, enquanto motivação para o trabalho voluntário, se assemelha muito com àquela.

Continuando a análise da questão sobre o significado de ser voluntário, nota-se que, alguns dos entrevistados, não relacionam o fator religião as suas motivações para o trabalho voluntário. Há, entretanto, nas suas respostas, fragmentos de uma religiosidade difusa. Para eles ser voluntário é “querer ajudar ao próximo” (REV 01). Observa-se que quando perguntado se teria alguma participação em instituições religiosas, o mesmo voluntário respondeu;

Não, nada que eu tenha participação, pouco... depende eu sou muito eclética acho que o principal é ser bom pros outros não fazer mal a ninguém. É claro que você tem uma força superior a tudo isso né? Mas eu não sou muito religiosa não, mas eu acredito muito em Deus numa força superior.

(Entrevista Rev 01)

Há, portanto, para essas pessoas uma obscuridate do quanto os valores religiosos têm sido importantes, do ponto de vista motivacional, para sua atividade voluntária. Observe-se, por exemplo o comentário de uma voluntária que se auto declara sem religião;

Tem toda uma questão de posicionamento de vida. De ajudar o próximo eu sempre fui uma pessoa altruísta eu sempre gostei de ajudar o próximo eu acho que a questão do voluntário passa por altruísmo por generosidade passa também por alto estima se você tem uma auto estima alta você quer partilhar aquilo com outras pessoas. Então são duas coisas esse aspecto pessoal de ajudar o próximo e a questão de fazer o bem mesmo e também a questão de ser um projeto bem sucedido bem intencionado honesto sério transparente [...] acho que é se dar é mostrar generosidade amor ao próximo é fazer o bem

(Entrevista Ren 02)

Como se pode facilmente observar, o discurso do “amor ao próximo” importado das convicções religiosas está presente mesmo entre aqueles

¹⁷ A respeito das semelhanças e distinções entre religião e religiosidade vide o mesmo capítulo III no ponto Religião X religiosidade.

indivíduos que não se reconhecem como pessoas religiosas. Consideremos mais um exemplo de um voluntário que se auto declara não religioso;

*É uma satisfação imensa mesmo ajudar o próximo já traz satisfação [...] É uma vontade dentro de mim de ajudar os outros eu não sei bem o que é mas é isso que me estimula pra continuar o trabalho aqui. [...] É saber que eu estou lutando com as minhas próprias forças pra poder tornar o mundo mais humano. São as minhas próprias mãos **mexendo na terra da seara.** (Entrevista Rec 02)*

Mas essa obscuridade quanto ao papel da religião, como incentivadora das ações voluntárias, não está presente na unanimidade dos discursos dos voluntários. Ao contrário, há aqueles que identificam a importância da religião e a ela atribuem sua principal motivação para as ações voluntárias.

Eu sou da igreja católica, eu costumo freqüentar também. Eu acho que essa religiosidade motivou muito meu trabalho aqui. Porque é a palavra que a igreja esta usando hoje em dia. Ajude seu semelhante! [...] A Igreja motivou muito isso a própria igreja faz um trabalho voltado pra comunidade. E eu vejo que eles têm um trabalho ambulatorial, que eles atendem sem cobrar um tostão é esse tipo de trabalho que eu gosto. [...] Então o que me incentivou foi a parte da religião mesmo. Religião pra mim não tem vínculo com dinheiro o negócio de chegar a ir a igreja pra pedir coisas materiais não é comigo eu não peço isso só paz de espírito e saúde. Eu ajudo, com dinheiro nem tanto.. (Entrevista Rev 02)

E ainda;

Eu vou ao centro espiritualista, participo como ouvinte eu acredito nisso. Eu sou católica não praticante [...] Mas centro Allam Kardec aquele que não é de macumba nem faz trabalho nem nada esse eu gosto, gosto de ler eu gosto porque responde suas perguntas. E isso tem a ver com o voluntariado porque quem acredita que nós somos todos semelhantes, e que tem que ajudar os outros, isso tem a ver sim. Então eu venho aqui com uma missão eu sou missionária aqui. [...] a doutrina espírita não é religião é uma doutrina não uma religião. Eu fui uma criança muito pobre e vivi a pobreza então já começou daí e se hoje em dia eu posso ajudar alguém eu faço. Agora isso a doutrina espírita me abriu os olhos que eu devo ajudar a quem precisa isso não faz parte da salvação porque isso é coisa do catolicismo. Cristo ajudava os necessitados porque todos nós somos filhos de Deus não importa se é rico ou pobre se um irmão precisa eu vou ajudar. (Entrevista Rev 03)

Meus pais eram católicos ensinaram agente a ir a missa essas coisas, e eu também sou católica mas não muito fervorosa. A igreja influenciou muito! A igreja sempre ensinou a fazer o bem ao próximo a ajudar o semelhante a religião católica ensina isso e foi um dos motivos sim de eu estar trabalhando aqui de graça há tanto tempo.[...] os ensinamentos da igreja também são muito importantes é claro que a mídia também influencia porque agente vê todo dia na televisão pessoas passando fome e necessidade por toda parte do mundo não é só no Brasil não. (Entrevista Rec 01)

Simões (2005), ao analisar a relação entre valores religiosos e a prática dos profissionais de serviço social, comprova que valores religiosos são relevantes também para o exercício profissional dos assistentes sociais. Ele demonstra como seus entrevistados (todos assistentes sociais) tratam a *ajuda ao próximo, a caridade, a compaixão*, entre outros, como valores importantes para intervenção assistencial, ao mesmo tempo em que referem-se a sua própria fundamentação religiosa.

Para o autor, é esta identidade (entre os valores religiosos e os assistenciais) que fundamenta e torna válida a relação estabelecida. Para os profissionais de serviço social, segundo Simões, “os valores relevantes ao exercício profissional guardam estreita similaridade e, no limite, são os mesmos que aqueles expressos pelas religiões.” (2005:168).

Se entre profissionais, que enquanto categoria se esforçam para pautar a prática em valores laicos, a vinculação religiosa com a prática assistencial é observada, entre voluntários (não técnicos dos serviços sociais) essa vinculação com a religião é naturalmente ainda mais patente. “A identificação dos valores religiosos e a prática assistencial revela que esta última se peculiariza menos pela afirmação de técnicas e arranjos burocráticos eficientes [...] e mais pela afirmação de seus valores”. (Simões 2005:169). Observe-se mais um exemplo do discurso de um voluntário que identifica na religião a principal motivação para suas ações voluntárias.

Sim, eu sou protestante há 9 anos. A religiosidade em si não, mas o conceito de cristianismo sim. Porque Cristo nos ensina a compartilharmos o pão. [...] na igreja foi a minha fé. Agora eu ajudo a levar quentinhos pros moradores de rua, 1 ou 2x no mês isso também é

muito importante pra mim, mas esse trabalho é mais recente faz mais ou menos 8 meses que comecei. Isso é seguir os passos de Cristo, é ajudar o próximo é trabalhar, é plantar, é colher... (entrevista Rec 03)

Camurça (2005) descreve como a expressiva presença da caridade como prática habitual entre os brasileiros o incentivou a testar a hipótese de que esta “ajuda ao próximo” poderia funcionar nesta sociedade como uma “religião civil”. Nos mesmos moldes em que Bellah (1987) atribuiu para os Estados Unidos.¹⁸

Ainda segundo Camurça, a religião civil brasileira estaria alicerçada nas idéias de caridade e de doação e estas, para o autor, “*funcionariam enquanto valores de fundo simbólico/religioso reconhecidos e aceitos pela ampla maioria dos brasileiros em suas práticas*” (2005:52-53). Isto se converteria numa “meta religião”, nas palavras de autor, que expressa o *ethos* brasileiro de nossa sociabilidade.

Para os voluntários da rede “RES” a caridade, fundamentada na religiosidade, explica tanto a motivação para o trabalho voluntário, quanto as diferentes formas de inserção nesse trabalho. Como já foi descrito¹⁹, as consequências das diferentes vinculações, decorrem das diferentes motivações para inserção no trabalho voluntário. Os indivíduos que atrelam sua motivação à religião, preferem atuar como agentes diretos com o público alvo, são os missionários. E os que têm uma consciência social civil, como motivação, para o trabalho voluntário, em geral estão inseridos nas atividades internas da administração institucional. Visto que a consciência civil se pauta por uma ética utilitária. Segundo Elster (1994), a ética utilitária se preocupa com o resultado, por isso para eles tanto faz o trabalho que executem desde que o resultado seja o mesmo. E em geral assumem as tarefas rejeitadas pelos indivíduos de motivação religiosa.

Camurça (2005) desenvolve ainda a idéia de que no Brasil a “caridade” é uma “*crença de matiz religiosa*” que perpassa todas as religiões e vai resultar na

¹⁸ Para Bellah, segundo Camurça, este conceito relaciona-se a princípios religiosos de que partilham os norte americanos que se traduzem num veículo de auto compreensão nacional.

¹⁹ Vide ponto: Trabalho Voluntário: Egoísmo ou Altruísmo?

criação de um mundo alheio ao das políticas públicas. Entre os voluntários da rede “RES” há quem afirme que ser voluntário é;

É saber que estou fazendo minha parte independente do o que o governo pode fazer. Independente dos impostos que eu pago em dia
(Entrevista Rec 02)

Para Camurça o modelo brasileiro de caridade funciona, portanto, dentro do sistema da dádiva e não da lei formal. Moreira (2005), afirma que os fundadores e voluntários dos “RES” recusam a política partidária e constroem eles mesmos uma micropolítica cotidiana que tem como seus fundamentos ações de empoderamento das famílias. Ao mesmo tempo em que faz um apelo a generosidade da população pela busca de apadrinhamentos e trabalhadores voluntários, sob o argumento da importância das ações empreendidas nos “RES”. Assim, pode-se citar como exemplos os seguintes trechos de entrevistas;

Nos estamos precisando de voluntários [...] nós sempre tivemos uma estrutura pequena não sei o que acontece e precisamos de gente pra crescer. (rev 01)

Este é um projeto bem sucedido bem intencionado honesto sério transparente. (Ren 02)

Aqui se faz um trabalho sério agente vê resultado mesmo. Estamos dando oportunidade a quem não tem (Rec 02)

Nestas entrevistas é possível observar que a busca por novos padrinhos e voluntários é valorizada na política associativa dos “RES”. E isto justificado tanto pela credibilidade institucional como também pela importância aferida ao trabalho que se realiza.

Outros Fatores para motivação dos voluntários dos “RES”:

Na análise das entrevistas com os voluntários da rede “RES” encontra-se outros fatores que importam para a motivação ao trabalho voluntário. No início da pesquisa se colocou a questão que indaga se a religião é importante fator de motivação para o trabalho voluntário.

No decorrer do trabalho pode se perceber que a religião estabelece uma justificativa para a assistência social/trabalho voluntário que é atravessada pelo terreno da ‘caridade’, da ‘salvação’ e da ‘consciência’. Contudo, como já foi mostrado, se a religião tem sido um importante fundamento para ação voluntária, com o crescimento da desta no Brasil, assiste-se a uma laicização da lógica religiosa. Percebe-se nas entrevistas dos voluntários da rede “RES” outros fatores que se somam aos religiosos para formação do impulso motivacional das ações voluntárias.

Um fator importante para os voluntários dos “RES” é o tempo livre de que dispõem. Como já foi mostrado no perfil dos voluntários, sete de nove entrevistados é aposentado ou do lar. O trabalho voluntário para eles representa uma maneira de preencher o tempo livre e simultaneamente lhes traz uma sensação de utilidade social.

Eu me aposentei em 1995 ai vem o desespero o que eu vou fazer? Agente acha que vai passear e passear e que isso não cansa, mas é mentira porque isso cansa sim. Ai eu preciso fazer alguma coisa. [...] porque eu não tenho filho gosto de crianças porque na minha cabeça ajudar é trabalhar junto. (REV 02)

Tinha me aposentado e estava procurando uma coisa pra fazer foi pra preencher o tempo. Ter uma atividade mexer com a cabeça né não ficar parada. Porque você passa 1º um ano viajando e saindo vai fazendo tudo que tinha vontade mas chega uma hora que só indo a cinema, shopping e ginástica não sei o que não dá [...] tava precisando de uma coisa que mexesse com a cabeça que lidasse com as pessoas eu sempre trabalhei na área administrativa o trabalho tava me fazendo falta [...] quando você é voluntário você tem que ter compromisso com instituição se não você não pode ser voluntário.

(REV 01)

Moreira (2005) demonstra que a escolha pelo trabalho voluntário nos “RES” pode ser referida como um processo pessoal de conscientização acerca dos benefícios desse trabalho para si próprio. Mas a autora ressalta, que para os eles a capacidade dedicar-se ao trabalho voluntário é atribuída a uma interveniência divina, como uma escolha externa a própria vontade. Observe-se abaixo alguns exemplos nas falas dos entrevistados.

Para quem acredita que nós somos todos semelhantes e que tem que ajudar os outros a religião tem a ver sim. então eu venho aqui com uma missão eu sou missionária aqui. (rev 03)

A igreja sempre ensinou a fazer o bem ao próximo a ajudar o semelhante. a religião católica ensina isso, e foi um dos motivos sim de eu estar trabalhando aqui de graça há tanto tempo. (rec 01)

Porque Cristo nos ensina a compartilharmos o pão. (REC 03)

A pesar da presença dessa influência religiosa, os voluntários dos “RES” indicam outras causas que devem ser levadas em consideração para sua inserção nas atividades. Há quem indique a importância dos amigos para chegar a trabalhar como voluntário.

Olha pra te ser franca quando eu vi isso aqui eu quase saí correndo porque eu vim por intermédio de conhecidos. Comecei fazendo atendimento lá embaixo. Achei o local horroroso, triste mas fiquei com pena da pessoa que tava lá sozinha era uma pessoa legal do grupo ai eu fui ficando um pouco mais um pouco. Ai surgiu a “S”, que foi colega minha e trabalho, ai perguntei se ela queria vir pra cá ela quis. Ai pra minha surpresa ela passou a vir duas vezes por semana, eu só vinha uma vez ai eu pensei tenho que vir duas vezes também e até hoje eu to aqui há 3 anos.(REN 01)

O fator “ser perto de casa” também pesa para a escolha do trabalho voluntário.

*Porque é perto de casa pra ocupar meu tempo livre
foi depois que me aposentei muito depois cansei de ficar
em casa. (REV 03)*

*Bom eu moro aqui mesmo na ilha né. Ai quando
fiquei sabendo do trabalho aqui resolvi ajudar, porque
tinha tempo livre (REC 02)*

O que se observa no fator “ser perto de casa” é que embora haja entre os voluntários inúmeras motivações para seu trabalho, nenhum deles mora em bairros diferentes das instituições em que atuam.

Outro fator relaciona-se as necessidades que os voluntários enxergam na sociedade.

Eu estava sentindo a necessidade de fazer alguma coisa pelo social. Há 14 anos as coisas estavam bem melhores que hoje. E senti uma necessidade um apelo de que eu precisava fazer alguma coisa. (Ren 03)

Comecei a reparar na miséria das pessoas e resolvi fazer algo pra ajudar. Porque você sabe, agente precisa fazer alguma coisa pra melhorar a vida das pessoas.. Parece que assim eu pago por tudo que tenho. E aqui estou eu há 11 anos como voluntária. (Rec 01)

O último fator importante²⁰ para o trabalho voluntário nas associações “RES” relaciona-se ao público alvo do trabalho nessas instituições. A clientela infantil atrae esses voluntários.

Meus filhos já estavam todos criados eu sempre trabalhei em casa cuidando deles. Quando se casaram eu me vi sozinha sentindo falta de quem cuidar. (Rec 01).

Olha porque eu não tenho filho gosto de crianças [...] você tem que acompanhar se essas crianças tão aprendendo se não estão tem que acompanhar [...] Olha ver a criança feliz. Nem curada mas feliz [...] De ver a criança feliz é um leite que custa caríssimo... agente tem psicóloga

²⁰ Não é que não tenham aparecido outros fatores nas entrevistas, mas os analisados ganharam importância por serem mais citados pelos voluntários.

e assistente social agora, elas encaminham direitinho porque antes não tinha. Era um círculo vicioso agora não, elas encaminham e tiram a pessoa disso. E é a satisfação da mãe também ai agente vê a satisfação dela e da mãe e fica mais feliz ainda. (Rev 02).

Moreira (2005) identifica um discurso que afirma que a escolha pelo trabalho voluntário em uma associação no formato “RES” pode se dar em função da clientela alvo serem crianças. Observe-se nas entrevistas, que há uma reciprocidade entre quem quer ajudar e as pessoas que carecem de apoio social.

A pobreza e a doença na infância constituem para Moreira, “*um núcleo de sentidos com forte apelo para os impulsos da dádiva*” (Moreira 2005:30)

CONSIDERAÇÕES FINAIS/ CONCLUSÃO:

Entre os indivíduos que não identificam no público alvo um fator de promoção da ação voluntária estão aqueles para os quais o que importa é a localização da associação; O convite do amigo voluntário; As necessidades da sociedade em geral; O preenchimento de tempo livre etc.

Quando começou-se este estudo partiu-se do suposto que haveria um espectro no perfil do voluntariado brasileiro que partiria daquele indivíduo não religioso, e que não teria por isso nenhuma justificativa religiosa para ação voluntária, até o totalmente religioso.

Conclui-se que de um ponto a outro existem muitas nuances entre a idéia da religiosidade, há pessoas que não são religiosas, mas que têm uma justificativa parecida com a dos religiosos. Assim como há os religiosos com justificativas mais próximas não religiosos.

O movimento voluntário da década de 1990, aumentou o voluntariado de cujas associações “RES” são uma derivação. Elas são uma “porta de entrada” para que cada um desses tipos passe a agir voluntariamente. Desde o não religioso até o totalmente religioso. O que se encontrou na pesquisa foram essas alternativas. Há claramente um crescimento do voluntariado no Brasil. Especificamente no voluntariado analisado encontra-se esse espectro para o perfil do voluntariado. A religião continua sendo elemento importante para o impulso motivacional do trabalho voluntário, embora não decisivo, e não necessariamente a religião do ponto de vista institucional mas das idéias e valores religiosos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BOURDIEU, Pierre "A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura" in Escritos de Educação. Ed. vozes. Petrópolis 2004.

CABRAL, Paula Bonfim Guimarães. "As Principais Determinações Econômicas e Ideo-Políticas da Cultura do Voluntariado no Brasil na Atualidade." Tese de mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro/Escola de Serviço Social 2004.

CAMURÇA, Marcelo Ayres "Religiosidade Moderna e Esclarecida Entre os Universitários das Ciências Sociais de Juiz de Fora – MG". In Religião, Política e Ciências Sociais _ Debates do NER. ano 2 - n° 2, agosto de 2001 IFCH/UFRGS. Porto Alegre.

CAMURÇA, Marcelo A. "Seria a caridade a religião Civil dos Brasileiros?" In Revista Praia Vermelha n° 12. Primeiro semestre 2005. UFRJ-PPGSS.

COMITÊ Ação da Cidadania. **Mobilização: Betinho & a Cidadania dos Empregados de Furnas-** RJ, 1998.

ELSTER, Jon. "Peças e Engrenagens das Ciências Sociais" Relume Dumará: 1994.

DEBATES do NER. N° 2. Porto Alegre: UFRGS 2001.

ESTATUTO do idoso Lei n° 10741/03.

ESTATUTO da criança e do adolescente Lei n°8069/90.

FALEIROS, Vicente de Paula "A política Social do Estado Capitalista: As funções da previdência e da assistência sociais " 4°ed. São Paulo: Cortez, 1985.

FERNANDES, Rubem César- **Privado Porém Público**- Relume Dumará RJ 1994.

GODBOUT, Jacques T. "O Espírito da Dádiva" FGV 1° ed.1999.

GOHN, Maria da Glória. "Teoria dos Movimentos Sociais: Paradigmas Clássicos e Contemporâneos" Loyola SP,1997.

KAMEYAMA, Nobuco. "*Filantropia Empresarial e Entidades da Sociedade Civil*" In: Capacitação em Serviço Social e Política Social: Módulo 4: o Trabalho do assistente social e as políticas sociais. Brasília: UNB 2000.

LANDIM, Leilah e SCALON, Maria Celi "*Doações e Trabalho Voluntário no Brasil*" ED. 7 Letras. RJ, 2000.

LANDIM, Leilah "*Para Além do Mercado e do Estado? Filantropia e Cidadania no Brasil*". ISER Núcleo de Pesquisa. RJ, Junho de 1993.

MAGALHÃES, Rosana. "*Enfrentando a Pobreza, Reconstruindo Vínculos Sociais: as Lições da Ação da Cidadania Contra a Fome, a Miséria e pela Vida*". In Caderno Saúde Pública RJ 18 (suplemento):121-137, 2002.

MATEUS, Catarina ."*Voluntariado na Empresa-Gestão Eficiente da Participação Cidadã*", [wikipedia](#) 2007.

MEIRELLES, Mauro. "*Trabalho Solidariedade e Cidadania em Questão: alguns impasses do mundo contemporâneo frente aos valores humanistas*". In Representações Sociais e Humanismo Latino no Brasil Atual. De Oro, Pedro Ari. (Organizador) UFRGS Ed. 2004.

MESTRINER, Maria Luiza. "*O Estado Entre a Filantropia e a Assistência Social*". Cortez. São Paulo 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (organizadora) "*Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade*" ED. Vozes 2002.

MINISTÉRIO, do Desenvolvimento Social e Combate a Fome. "*Estatuto do Idoso. Lei n° 10741/03*".

MONTAÑO, Carlos. "*Terceiro Setor e Questão Social. Crítica ao padrão emergente de intervenção social*" 3º ed. Cortez SP,2005.

MOREIRA, Martha Cristina Nunes "*Dádiva da Saúde: Sociabilidade e Voluntariedade na construção do associativismo das RES*". Tese de doutorado. Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro. RJ,2005.

NOVAES, Regina. *Pobreza e Trabalho voluntário. Estudos sobre a ação social católica no Rio de Janeiro*. ISER . RJ. 1995.

NOVAES, Regina. "*Religião e política: sincretismos entre alunos de Ciências Sociais*". 1994. Comunicações do ISER. Rio de Janeiro, Iser, n. 45, p, 75-87, 1994.

NOVAES, Regina. "***Identidades Religiosas no Brasil: possibilidade de um perfil?***". Atualidade em Debate, Caderno 9, RJ, Centro João XXIII, 1991.

PUTNAM, Robert D. "***Comunidade e Democracia a experiência da Itália moderna***" Ed. Fundação Getúlio Vargas.

SANTOS, Yara Maria Frizzera "***Mulher e Assistência : Afinidades eletivas***" In Revista Praia Vermelha nº10. 2004/1.

SARMENTO, Daniel. "***Livres e Iguais: Estudos de Direito Constitucional.***" Editora: Lumen Júris. RJ 2006.

SENNETT, Richard "***Respeito***" Record. São Paulo 2004.

SIMÕES, Neto José Pedro. "***Assistentes Sociais e Religião: um estudo Brasil/Inglaterra.***" SP. Cortez 2005.

TOCQUEVILLE, Alexis de "***A democracia na América***" 1805-1959. Belo Horizonte. Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1987.

TOCQUEVILLE, Alexis de "***Ensaios sobre a Pobreza. Estudos sobre os paradoxos da Pobreza em Países em desenvolvimento***" 1835.

TORRES, Marco Antonio. "***Antagonismos entre o magistério católico e as conquistas de mulheres católicas a partir da teoria do discurso***" In, Revista MAL-ESTAR E SUBJETIVIDADE. Fortaleza, V. V / N. 1 / P. 145 – 160, Mar. 2005.

VASCONCELOS, Eduardo Mourão. "***Podemos ser curadores, mas sempre...também feridos! Dor, envelhecimento e morte e suas implicações pessoais, política e sociais***". In: *A espiritualidade no trabalho de saúde*. RJ. Hucitec 2005.

Sites consultados:

- www.wikipedia.org
- www.seae.ma.gov.br

Anexo - Questionário:

1. Instituição: _____
2. Tipo de Vínculo: [] Líder; [] Trabalhador; [] Eventual
3. Idade: _____
4. Ocupação / Profissão: _____
5. Tem Trabalho Remunerado? [] Sim; Não []
Se não: Qual a sua fonte de renda? _____

1. Experiências Anteriores

- 1.1. Você já teve experiências anteriores de trabalho voluntário?
- 1.2. Qual foi a experiência?
- 1.3. Onde ela foi realizada?
- 1.4. Que idade você tinha?
- 1.5. Por quanto tempo você atuou?
- 1.6. Como você ficou sabendo da atividade?
- 1.7. O que te motivou a iniciar a atividade?
- 1.8. O que te motivou a permanecer neste trabalho?
- 1.9. Porque você deixou de atuar voluntariamente?
- 1.10. Por quanto tempo você ficou sem exercer atividades voluntárias?

2. Experiência Atual

- 2.1. Quando você iniciou neste trabalho?
- 2.2. Com que freqüência você trabalha voluntariamente?

- 2.3. Você atua voluntariamente somente nesta instituição?
Onde mais você atua?
- 2.4. O que te motivou a iniciar esta atividade?
- 2.5. O que te motivou a permanecer neste trabalho?
- 2.6. O que te traz mais satisfação neste trabalho?

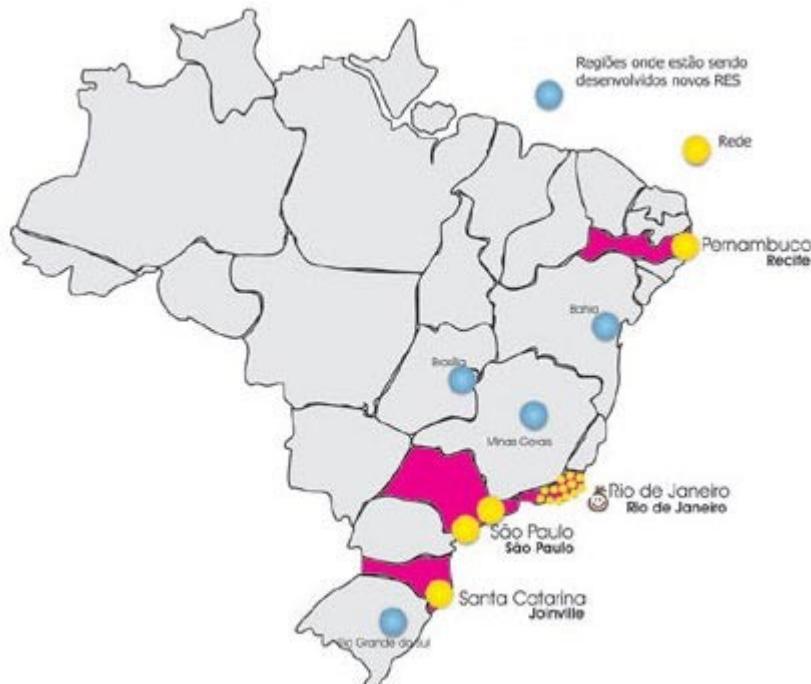
3. Outras Informações

- 3.1. Você já teve, ou ainda tem, alguma participação* em partidos políticos?
- 3.2. Você já teve, ou ainda tem, alguma participação em instituições religiosas?
- 3.3. Você já teve, ou ainda tem, alguma participação em movimentos sociais?
- 3.4. Você já teve, ou ainda tem, alguma participação em sindicatos ou associações profissionais?
- 3.5. Você já teve, ou ainda tem, alguma participação em algum outro tipo de instituição?
- 3.6. O que mais te desperta o sentimento de solidariedade social? (o trabalho profissional, a religião, a política, a mídia, ...)
- 3.7. O que é ser voluntário?

* em qual? por quanto tempo? Com que freqüência?

2. Rede Saúde Criança:

A Rede Saúde Criança é um espaço de relacionamento cooperativo entre Associações autônomas. O modelo de atuação foi desenvolvido pelo RENASCEr e inspirou a criação de outras Associações que seguem a mesma metodologia. Todas têm como objetivo comum prestar assistência à criança carente em tratamento e/ou alta hospitalar encaminhada por unidades do sistema público de saúde. O público-alvo das Associações são crianças e respectivas famílias, que encontram-se em risco social, oriundas das classes sociais menos favorecidas. O modelo já se espalhou por diversos hospitais públicos em todo o Brasil.



Veja a relação abaixo, organizada por ordem de fundação:

 saúde criança renascer	RENASCR — fundada em 25/outubro/1991 Hospital Municipal da Lagoa (Rio de Janeiro) contato: renascer@criancarenascer.org.br Tel.: (21)2266-1446 Sede Casa Nova (21)2286-9988 Parque Lage
	REVIVER — fundada em 1/Outubro/1993 Hospital dos Servidores do Estado (Rio de Janeiro) contato: reviver.hse@hotmail.com Tel.: (21)2203-0649, (21)2518-7759
	RESSURGIR — fundada em 25/Janeiro/1995 Hospital Municipal Salles Neto (Rio de Janeiro) contato: ressurgir@ressurgir.org.br Tel.: (21)2502-2939
	REAGIR — fundada em 18/Julho/1995 Hospital da Piedade (Rio de Janeiro) contato: reagir@ig.com.br Tel.: (21)2591-7037, (21)2597-1132 r.290/289
	REFAZER — fundada em 12/Setembro/1995 Instituto Fernandes Figueira (Rio de Janeiro) contato: refazer@refazer.org.br Tel.: (21)2527-3434
	RECOMEÇAR — fundada em 15/Maio/1997 Hospital do Fundão (Rio de Janeiro) contato: recomecar@hotmail.com Tel.: (21)2564-8070
	AAP – Associação dos Amigos da Pediatria fundada em 3/Setembro/1997 Hospital da Restauração (Recife) contato: aaphr@bol.com.br Tel.: (81)3231-2598



RENOVAR — fundada em 6/Outubro/1998
Hospital Alcides Carneiro (Correas - Rio de Janeiro)
contato: renovar@compuland.com.br
Tel.: (24)2221-7495, (24)2221-3324



RELUZIR — fundada em 20/Junho/1999
Hospital das Clínicas (São Paulo)
contato: institutoreluzir@ig.com.br
Te.: (11)3814-0379, (11)3031-5882



RECRIAR — fundada em 18/Abril/2001
Hospital da Posse (Rio de Janeiro)
contato: recriar_rj@hotmail.com
Tel.: (21)3767-8710, (21)3779-9900 r.113



REPARTIR — fundada em 12/Junho/2002
Hospital Municipal Jesus (Rio de Janeiro)
contato: repartir@repartir.com.br
Tel.: (21)2234-9791, (21)2264-8286



RECONSTRUIR — fundada em 11/março/2003
Hospital Municipal Raphael de Paula Souza (Rio de Janeiro)
contato: anagissoni@castelobranco.br
Tel.: (21)2406-7785, (21)2446-4157, (21)3415-8646



RETRIBUIR — fundada em 24/novembro/2004
Hospital Maternidade Carmela Dutra
contato: retribuir@retribuir.org.br
Tel.: (21)3273-6041



REACENDER — fundada em 22 de maio de 2006
Hospital PAM de Santa Teresa
contato: paula@imds.org.br

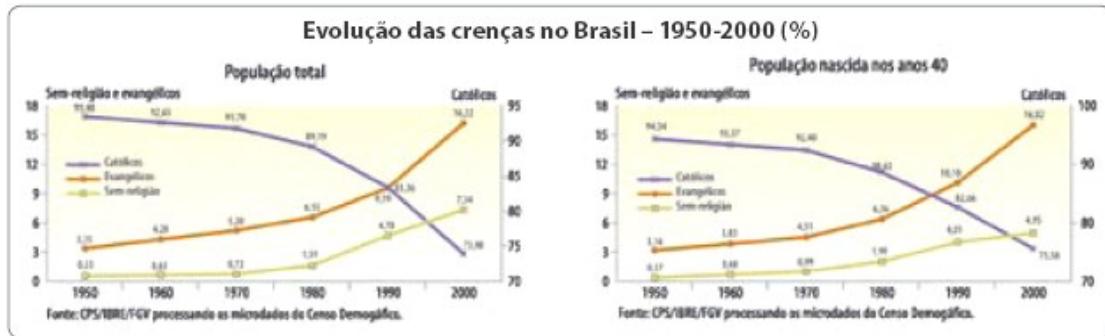


REINVENTAR — fundada em 30 de maio de 2006
Hospital Pediátrico Menino Jesus (São Paulo)
contato: reinventar@gmail.com
Tel.: (11)3266-3687



REVITALIZAR— em processo
Hospital Municipal (Santa Catarina)
contato: pschmalz.joi@terra.com.br

2. Evolução das crenças no Brasil.



3. Material de divulgação dos “RES”.

QUEM SOMOS

A Associação Saúde Criança Renascer (ASCR), fundada em 1991 pelo Drs. Vera Coimbra, é uma Organização Social, sem fins lucrativos e sem filiação política ou religiosa.

Nosso objetivo principal é encurtar a distância, unindo com o Plano de Ação Familiar (PAF), que engloba cinco eixos: saúde, educação, cultura, esportes e lazer, promoção e cidadania em três unidades de atendimento: sala de Recreação da Lagoa Sônia, no Parque Lago e Casa das Oficinas / Administração, no Jardim Belvedere.

MISSÃO E VISÃO

Missa missão é querer o ciclo vicioso: miséria, doença, intenção, alta, reinternação, morte, e criar condições de melhoria de saúde e bem-estar para as crianças adolescentes e suas famílias, promovendo ações que, além da saúde, englobam áreas básicas que ofereçam condições de resgate da cidadania e promovam um auto-sistema das famílias atendidas.

PROJETO ANZOL

O Anzol é projeto de apoio ao festejo tradicional, intensamente desenhado pelo Renascer, que leva à enseada do Chiquinho. A sede é na Caco das Rosas e na Quilópole, no 4º piso do Shopping Rio Sul. RJ, beneficiando mais de 10 mil pessoas por mês. Lojas que promovem e vendem os produtos. O espaço do projeto é doação do Shopping Rio Sul.

O Anzol oferece uma variedade de produtos diversificado, como: roupas, calçados, artigos de higiene, brinquedos, bonecas, bonecos, entre outros. Weer (doce de leite), bolinhos Bebê. Anda, joias, bijuterias e bolsas; artigos de casa, biscoito, docinhos, lanches populares e cestas de Natal.

Brindes Sociais - Uma escolha e uma paixão!

Empresas já desideram a vantagem de encantar os Brindes Sociais do Renascer para enriquecer seu dia comemorativo aos funcionários e clientes. São produtos que trazem alegria, satisfação e é de necessidade das organizações, que agregam valor e concretizam o investimento na mudança social.

Brindes Sociais é uma linha variada, que vão desde presentes do Chiquinho, pensado por cheiros, portas, sacolas, revestidos, canetas, estojos, até cintas, entre tantos outros.

CONHEÇA MELHOR NOSSO PROJETO: Pequena sua vida, assim você poderá divulgar nosso trabalho para mais pessoas o conhecerem, maior nossa capacidade de encorajar famílias. Divulgue também nossos sites: www.criancarenascer.org.br

COMO PARTICIPAR

Os recursos para a manutenção da Associação Saúde Criança Renascer são provenientes de pessoas físicas, empresas e entidades.

O Chiquinho é a missão do Renascer, ajudar que recuperar as crianças e famílias atendidas pela Associação.

Seja amigo do Chiquinho! Você vai ajudar na recuperação infantil das famílias.

Escolha, entre as formas abaixo, a melhor maneira de colaborar:

SÓCIO: Ser sócio do Renascer significa colaborar intensivamente um dever ao com a Associação, ajudando na melhoria social na reestruturação do núcleo familiar das crianças atendidas.

DOAR OU ARRECADAR: Alimentos não perecíveis, medicamentos, roupas, lençóis, material escolar, roupas, brinquedos (novos/usados), material eletrônico;

FAÇA TRABALHO VOLUNTÁRIO: Devolvendo seu tempo livre para trabalhar conosco.

EMPRESAS E INSTITUIÇÕES: Doe dinheiro, produtos ou serviços, patrocine projetos, adquira brindes de nosso catálogo de produtos, ofereça vagas para estágio e emprego para nossos alunos dos cursos profissionalizantes.

CONHEÇA MELHOR NOSSO PROJETO: Pequena sua vida, assim você poderá divulgar nosso trabalho para mais pessoas o conheceream, maior nossa capacidade de encorajar famílias. Divulgue também nossos sites: www.criancarenascer.org.br

Depoimentos:

"Nunca tive apoio de praia a praia. Na minha volta, que o Renascer me deu, eu fui capaz de me permitir voltar. Foi muito gratificante Renascer"

"A Farmequimica se orgulha de colaborar com o Renascer e de poder dar visibilidade a essa instituição através da distribuição de brindes para a campanha de arrecadação de fundos"

Marcos Gondi - Presidente da Farmequimica

Doações em Dinheiro ou Cheque

Qualquer valor pode ser depositado no Banco do Brasil: Agência 1000 - Conta Corrente 1000-00000-0000-0000-0000-0
CNPJ: 40.338.948/0001-01
Agência 1072-5 - Conta Corrente 9344-0

SIDE: Associação Saúde Criança Renascer
Rua Jardim Botânico, 1000 - apto 101 - Jardim Botânico
Rio de Janeiro - RJ - CEP 22461-0000
Tel.: 55 21 2286-9980 / 2286-9654

FILIAL: Casa das Oficinas
Rua Jardim Botânico, 1000 - apto 101 - Jardim Botânico
Rio de Janeiro - RJ - CEP 22461-0000

HORARIO DE ATENDIMENTO:
Salão de recreação do Renascer, 3º andar / Pedreira
Rua Jardim Botânico, 501 - Jardim Botânico
Rio de Janeiro - RJ - CEP 22461-0000

www.criancarenascer.org.br

saúde
criança
renascer

4. Tabela de Escolaridade Média nos Estados, Regiões e no Brasil nos Anos de 2001 a 2005.

ESTADO / REGIÃO	Escalaridade Média nos Estados, Regiões e no Brasil nos Anos de 2001 a 2005										Escalaridade Média ÁREAS RURAIS			
	Escalaridade Média GERAL					Escalaridade Média ÁREAS URBANAS					Escalaridade Média ÁREAS RURAIS			
	2001	2002	2003	2004	2005	2001	2002	2003	2004	2005	2001	2002	2003	2004
BRASIL	6,13	6,30	6,47	6,58	7,09	6,60	6,77	6,92	7,06	7,61	3,47	3,66	3,86	3,99
NORTE	6,05	6,18	6,34	5,90	6,44	6,05	6,18	6,34	6,56	7,08	-	-	-	3,67
Acre	5,92	6,23	6,04	5,46	5,97	5,92	6,23	6,04	6,42	7,04	-	-	-	3,23

Amapá	7,33	6,64	6,79	6,79	7,68	7,33	6,64	6,79	6,96	7,83	-	-	-	4,73
Amazonas	6,45	6,63	6,88	6,49	7,12	6,45	6,63	6,88	7,16	7,77	-	-	-	4,08
Pará	5,81	5,97	6,04	5,56	6,11	5,81	5,97	6,04	6,21	6,74	-	-	-	3,76
Rondônia	5,81	6,10	6,24	5,95	6,19	5,81	6,10	6,24	6,68	6,81	-	-	-	4,46
Roraima	5,82	6,16	6,75	6,55	7,02	5,82	6,16	6,75	6,96	7,34	-	-	-	4,90
Tocantins	5,21	5,40	5,73	5,82	6,31	5,94	6,04	6,37	6,51	6,97	3,36	3,96	4,04	4,06
NORDESTE	4,77	4,97	5,15	5,34	5,79	5,55	5,74	5,91	6,09	6,62	2,68	2,88	3,07	3,21
Maranhão	4,47	4,60	4,85	5,12	5,36	5,27	5,43	5,70	5,97	6,30	2,87	2,94	2,96	3,20
Piauí	4,31	4,47	4,61	4,92	5,26	5,50	5,69	5,94	6,03	6,48	2,19	2,48	2,70	3,06
Ceará	4,88	5,16	5,30	5,53	5,96	5,54	5,76	5,90	6,13	6,61	2,87	3,25	3,39	3,47
R.G.Norte	5,30	5,47	5,49	5,66	6,18	5,99	6,14	6,05	6,25	6,78	3,35	3,43	3,93	3,91
Paraíba	4,52	4,70	5,01	5,11	5,63	5,15	5,39	5,61	5,74	6,20	2,61	2,75	3,05	3,10
Pernambuco	5,17	5,33	5,48	5,66	6,14	5,89	6,01	6,18	6,36	6,85	2,92	3,05	3,26	3,36
Alagoas	4,15	4,29	4,54	4,62	5,01	4,90	5,08	5,36	5,45	5,87	2,52	2,54	2,81	2,92
Sergipe	5,15	5,35	5,70	5,86	6,06	5,77	5,93	6,27	6,45	6,64	2,66	2,80	3,18	3,16
Bahia	4,73	4,97	5,14	5,31	5,84	6,12	6,33	6,52	6,63	6,87	2,47	2,76	2,91	3,07
SUDESTE	6,83	6,98	7,14	7,27	7,82	7,05	7,18	7,33	7,45	8,05	4,03	4,16	4,39	4,54
E.Santo	6,20	6,38	6,52	6,81	7,45	6,69	6,87	7,04	7,30	7,93	4,10	4,21	4,27	4,54
M.Gerais	6,02	6,16	6,30	6,44	6,97	6,48	6,61	6,72	6,86	7,42	3,65	3,67	3,96	4,05
R.Janeiro	7,15	7,29	7,44	7,55	8,07	7,26	7,38	7,54	7,63	8,17	4,11	4,43	4,41	4,98
S.Paulo	7,14	7,30	7,47	7,59	8,15	7,27	7,42	7,58	7,69	8,27	5,00	5,27	5,53	5,68
SUL	6,53	6,72	6,92	7,02	7,56	6,89	7,06	7,25	7,36	8,00	4,36	4,57	4,74	4,79
Paraná	6,39	6,65	6,86	6,95	7,48	6,81	7,03	7,23	7,34	7,89	4,42	4,74	4,90	4,93
S. Catarina	6,66	6,77	7,02	7,09	7,85	7,13	7,18	7,42	7,53	8,27	4,69	4,98	5,16	5,14
R.G. Sul	6,58	6,75	6,92	7,04	7,49	7,04	7,23	7,39	7,50	7,95	4,67	4,82	5,01	5,11
C.OESTE	6,26	6,53	6,68	6,80	7,28	6,43	6,87	6,85	6,96	7,61	3,60	3,69	3,88	4,03
D.Federal	7,81	8,11	8,27	8,32	8,93	7,88	8,21	8,37	8,39	9,05	6,04	5,99	6,19	6,84
Goiás	5,92	6,09	6,33	6,50	6,96	6,18	6,34	6,59	6,79	7,23	4,13	4,18	4,38	4,33
M.Grosso	5,79	6,21	6,29	6,45	6,84	6,33	6,77	6,90	7,01	7,39	3,84	4,06	4,22	4,53
M.Grosso Sul	6,13	6,40	6,39	6,44	6,93	6,43	6,67	6,68	6,68	7,20	4,27	4,65	4,69	4,96
REGIÕES METROPOLITANAS	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Belém	7,11	7,15	7,23	7,26	7,84	7,11	7,15	7,23	7,26	-	-	-	-	-
Fortaleza	6,39	6,59	6,67	6,85	7,34	6,39	6,59	6,67	6,85	-	-	-	-	-
Recife	6,69	6,84	6,89	7,12	7,68	6,69	6,84	6,89	7,12	-	-	-	-	-
Salvador	7,09	7,27	7,31	7,42	8,06	7,09	7,27	7,31	7,42	-	-	-	-	-
Belo Horizonte	7,14	7,31	7,38	7,56	8,16	7,14	7,31	7,38	7,56	-	-	-	-	-
Rio de Janeiro	7,40	7,58	7,76	7,83	8,41	7,40	7,58	7,76	7,83	-	-	-	-	-
São Paulo	7,45	7,65	7,80	7,91	8,44	7,45	7,65	7,80	7,91	-	-	-	-	-
Curitiba	7,24	7,56	7,64	7,90	8,37	7,24	7,56	7,64	7,90	-	-	-	-	-
Porto Alegre	7,35	7,50	7,70	7,81	8,29	7,35	7,50	7,70	7,81	-	-	-	-	-

Fontes: Valores estimados a partir dos dados brutos das PNADs de 2001, 2002, 2003, 2004 e 2005.

